

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

NELSON VIEIRA DA FONSECA FARIA

**A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NA ESCOLA: O
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA
COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Presidente Prudente

2011

NELSON VIEIRA DA FONSECA FARIA

**A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NA ESCOLA: O
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE FILMES NA SALA DE AULA
COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP - Campus de Presidente Prudente, na linha de pesquisa Infância e Educação como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Martins da Costa Santos

Co-orientador: Prof. Dr. Alfredo Luis Paes de Oliveira Suppia

Presidente Prudente

2011

AGRADECIMENTOS

À Andrea Senra Coutinho, por sua colaboração decisiva ao acumular várias funções com especial destaque na assistência de direção.

Aos alunos dos 9º anos do Colégio de Aplicação João XXIII em 2010 que constituíram o elenco desta obra.

À Ana Maria Martins da Costa Santos e Alfredo Luis Paes de Oliveira Suppia por encabeçarem o elenco de apoio.

À Universidade Federal de Juiz de Fora por acolher e patrocinar o roteiro.

À UNESP - Presidente Prudente por acolher este roteiro e permitir sua filmagem.

Ao Colégio de Aplicação João XXIII /UFJF, por acolher o roteiro, servir de cenário e garantir todos os recursos para ele ser "rodado".

Ao professor Frederico Marcelo Crochet, por colaborar na direção de elenco.

Ao bolsista Gabriel Patrocínio, pelo making off.

Aos meus familiares por ser a melhor plateia (e o melhor incentivo) que já tive.

RESUMO

Esta dissertação apresenta os resultados da pesquisa *A linguagem cinematográfica na escola: o processo de produção de filmes na sala de aula como prática pedagógica*, pertencente à linha de pesquisa "Infância e Educação", do programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus Presidente Prudente em convênio com a Universidade Federal de Juiz de Fora. Essa pesquisa teve como objetivo rediscutir a possibilidade de utilizar o cinema em sala de aula na perspectiva da reflexão e da elaboração do conhecimento a partir do emprego da linguagem cinematográfica nas várias fases da produção de filmes em curta metragem, desde a sua concepção até a exibição do produto final. Para tanto, foi feita a opção por uma pesquisa de caráter qualitativo contando com o professor como investigador participante da ação. A pesquisa foi desenvolvida no contexto e ambiente das aulas de arte, com os alunos matriculados nos 9º anos do Colégio de Aplicação João XXIII - UFJF (MG), como participantes e informantes. O processo de levantamento de dados teve início com a produção de um primeiro curta metragem realizado por grupos de alunos a partir do conhecimento empírico sobre cinema que eles e elas pudessem lançar mão. Teve continuidade com estudos teóricos e práticos sobre os elementos da linguagem cinematográfica, sua utilização e seus significados. Terminou com a realização de um segundo curta metragem produzido à luz desse conhecimento da linguagem do cinema. Com base na análise a partir das observações e registros realizados ao longo do processo constatou-se que a aplicabilidade do cinema como recurso pedagógico a partir da produção de filmes em curta metragem pelos alunos pode contribuir para a alfabetização audiovisual e para a formação do sujeito crítico que percebe e compreende o contexto e se expressa por meios dos códigos audiovisuais proporcionando, assim, uma aprendizagem significativa em arte.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem cinematográfica, Cinema e Educação, Ensino de Arte, Alfabetização audiovisual, Cinema na escola.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Filme exibido pelos irmãos Lumière na sessão inaugural: <i>La sortie des ouvriers de l'usine Lumière</i> (1895).....	13
Figura 2 - Filme exibido pelos irmãos Lumière na sessão inaugural: <i>L'arrivée d'un train em gare de La Ciotat</i> (1895).....	13
Figura 3 - Fotografias de Muybridge: <i>The horse in motion</i> (1878).....	14
Figura 4 - Fuzil fotográfico de Marey (1882).....	14
Figura 5 - Cronofotografia - imagem obtida com o fuzil fotográfico de Marey: <i>Pelican in flight</i> (1882).....	15
Figura 6 - Série de cronofotografias para o fonógrafo de George Demeny: <i>Je vous aime</i> (1892).....	15
Figura 7 - Cinetoscópio de Edison e Dickson (1891).....	16
Figura 8 - Salão de exibição de cinetoscópios em São Francisco (1899).....	17
Figura 9 - Cinetoscópio.....	17
Figura 10 - O cinematógrafo dos irmãos Lumière.....	17
Figura 11 - Ilustração sobre a utilização do cinematógrafo.....	18
Figura 12 - Imagem extraída do filme sobre os indígenas brasileiros por Roquette Pinto (1912).....	21
Figura 13 - Cena do filme "A velha a fiar" dirigido por Humberto Mauro e produzido pelo INCE (1960).....	23
Figura 14- Sala ambiente de artes.....	34
Figura 15- Apresentação do teatro de sombras.....	40
Figura 16- Exibição e análise dos filmes.....	41
Figura 17- Aula teórico-prática sobre os elementos da linguagem cinematográfica.....	42
Figura 18- Discussões em grupo com o professor.....	44
Figura 19- Etapa da confecção de roteiro.....	45
Figura 20- Sessão de exibição dos filmes.....	47
Figura 21- Aula sobre cinema e seu contexto histórico.....	50
Figura 22- Etapa de definição do argumento ("filme final").....	52
Figura 23- Discussões durante a etapa de decupagem.....	53
Figura 24 e 25- Cenas dos "filmes iniciais".....	55
Figura 26 e 27- Cenas dos "filmes iniciais".....	58
Figura 28- Relatório de produção.....	59
Figura 29- Etapa da filmagem.....	61
Figura 30 e 31- Cenas dos "filmes finais".....	62
Figura 32 e 33- Cena dos "filmes finais".....	65
Figura 34- Aula prática sobre o uso dos recursos tecnológicos (filmadora).....	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação dos filmes iniciais	55
Tabela 2 - Levantamento de dados dos filmes iniciais	57
Tabela 3 - Relação dos filmes finais	63
Tabela 4 - Levantamento dos dados dos filmes finais	64
Tabela 5- Quadro comparativo (filme inicial X filme final)	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
QUANDO O CINEMA E EDUCAÇÃO DIVIDEM A CENA	11
1.1- Plano geral: contextualizando o vínculo dos dois personagens	12
1.2 - Zoom in: do plano geral ao plano de detalhes	19
1.3- Um novo cenário: o Brasil	20
1.4 - Zoom out: resgate do cinema	26
ROTEIRO METODOLÓGICO	29
2.1- Objetivos	32
2.2- A pesquisa	32
2.3- Recolha de dados	35
2.3.1- Procedimento de recolha de dados:.....	35
2.3.2- Ferramentas.....	36
2.3.3- Categorias de análise.....	37
2.4- Cronograma de atividades	37
2.5- Detalhamento das atividades do campo empírico	39
2.5.1- História da apropriação da imagem em movimento pela humanidade.....	39
2.5.2- A linguagem cinematográfica.....	40
ILHA DE EDIÇÃO: HORA DE REVER AS CENAS	48
3.1- Critérios/ Variáveis	52
3.2- Levantamento dos dados	53
3.2.1- Filmes iniciais.....	53
3.2.2- Relatórios das produções iniciais.....	58
3.2.3- Filmes finais.....	61
3.2.4- Relatórios de produção finais.....	66
3.3- Análise comparativa dos dados	68
QUANDO A TRAMA SE REVELA	71
REFERÊNCIAS	77
REFERÊNCIAS DAS IMAGENS	79
GLOSSÁRIO DE TERMOS DO CINEMA	80
Anexo I - Relatório de produção do filme inicial	84
Anexo II - Relatório de produção do filme final	87
Anexo III - Cronograma de produção do filme final	89

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O propósito dessa dissertação intitulada "A linguagem cinematográfica na escola: o processo de produção de filmes na sala de aula como prática pedagógica" é ressurgente de uma década de investigação, que antes de se fazer científica ou acadêmica, é decorrente do saber docente. A implantação do projeto de produção de curtas metragens com alunos ocorreu em 1999 nas turmas de 9^{os} anos (na ocasião 8^a série), na grade curricular do Colégio de Aplicação João XXIII, da UFJF. Ou seja, ele nasceu dentro da disciplina arte e não como atividade complementar ou extracurricular.

Ao ingressar nos quadros da Universidade Federal de Juiz de Fora como professor do Colégio de Aplicação João XXIII, em 1999, implantei um projeto de produção de curtas metragem com os alunos, na ocasião, das 8^{as} séries, hoje correspondentes ao 9º ano do ensino fundamental.

No início, usando tecnologia em VHS, o objetivo era de apresentar os códigos do cinema aos alunos para que eles tivessem acesso à esta linguagem artística.

Ao percorrer o processo de criação dos vídeos, foram percebidas outras possibilidades educativas e alguns ajustes permitiram corrigir e ampliar o processo para realizá-lo, didaticamente, em sete etapas, no ensino regular de artes. São doze anos dedicados à sistematização dos procedimentos e dos conhecimentos necessários para a realização do projeto na sala de aula, como acontece atualmente.

Em 2006, foi possível introduzir os recursos da tecnologia digital e utilizar, como mídia, o DVD e, assim, o projeto ganhou o título de "Curta o 9º ano". Desde então, o mesmo vem promovendo a reflexão e a discussão de alguns temas propostos pelos alunos, bem como sobre as formas de expressão e realização dos filmes em sala de aula, como forma de vivenciar um processo contemporâneo de criação artística.

A cada nova edição, com novas turmas, questões foram surgindo e com elas a necessidade de respostas. As inquietações advindas das práticas cotidianas levaram à essa investigação, que surgiu da necessidade de analisar e fundamentar essa proposta pedagógica, que utiliza a simbologia do cinema na produção de filmes em curta metragem nas aulas curriculares de arte.

Explicando melhor, direciona suas lentes para a possibilidade de utilizar o cinema no ambiente escolar, na perspectiva da reflexão e da elaboração do conhecimento a partir do

emprego dos códigos cinematográficos. Ou seja, nas várias fases da produção de filmes em curta metragem, desde a sua concepção até a exibição do produto final.

Nessa pesquisa qualitativa as análises do processo, visaram melhor entender como a utilização desta linguagem pode favorecer a formação do sujeito crítico, que percebe e compreende o contexto, se comunica e se expressa através dos sistemas simbólicos audiovisuais.

Teve, ainda, como objetivo inventariar quais aspectos desta prática realizada pelos alunos contribuíram para sua aprendizagem em arte, a respeito desses mesmos sistemas simbólicos.

Nessa dissertação foi feita a opção de aproximar a escrita acadêmica das nomenclaturas e termos do próprio cinema, como maneira de dar significado e engendrar outra forma de narrativa na confecção deste roteiro. Essa escrita híbrida foi intencional, pois pretendeu criar uma maior "integração" entre as duas áreas do saber: cinema e educação.

Para tanto, no capítulo 1, percorreu os períodos que abrangem o pré-cinema e cinema, realizando algumas elipses¹ que permitiram destacar fatos em que a relação entre cinema e educação se fez e faz presente até os dias de hoje. Seja no que diz respeito à educação escolar ou a produção de conhecimentos e a aprendizagem não formal.

Este resumo histórico direcionou os *spots* para iluminar alguns fatos e acontecimentos no *set* onde figuram as relações entre cinema e educação, construído ao longo de um período, e trazer à cena alguns personagens que ajudaram escrever esta história.

Na sequência, o suspense começa a ser revelado quando, no capítulo 2, são introduzidas as informações sobre a metodologia da pesquisa e pormenores do projeto desenvolvido com foco na linguagem cinematográfica e na produção de filmes em curta metragem realizada com os alunos do 9º ano no Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

No capítulo 3, as lentes se voltam para o campo empírico. Melhor, para as análises dos dados colhidos nas aulas de arte, ao longo do 2º semestre de 2010, e apresentam a comparação entre a produção dos filmes realizados pelos alunos e seus relatos, no momento inicial e final dos estudos da linguagem cinematográfica.

Para tanto, foram estabelecidas 19 categorias de análise, e duas ou três variáveis em cada uma delas, de acordo com suas especificidades.

¹ "Cada vez que uma narrativa omite certos acontecimentos pertencentes à história contada [...]" definição extraída do verbete *elipse* do "Dicionário teórico e crítico de cinema", de Jaques Aumont e Michel Marie (2003).

Por fim, foram feitas as considerações finais destacando pontos da relação entre cinema e educação revelados nas observações e análises do projeto proposto, dentro da perspectiva contemporânea de um ensino significativo de arte. O que levou a reiterar ou corroborar as indicações de teóricos como Almeida (2004) e Duarte (2002) que apontam a importância e necessidade da alfabetização audiovisual em ambientes escolares. Agora, de certa maneira, comprovada por esta pesquisa.

Capítulo 1
QUANDO O CINEMA E EDUCAÇÃO DIVIDEM A CENA

1- QUANDO O CINEMA E EDUCAÇÃO DIVIDEM A CENA

1.1- Plano geral: contextualizando o vínculo dos dois personagens

O tripé já está montado. Iluminação, câmera e equipe a postos. O diretor confere alguns pormenores em seu roteiro técnico. Com o som da claquete tem início a produção do "filme" que registrará, em algumas elipses temporais, parcelas da história de um relacionamento que ainda não acabou: a história de como a Educação se apropriou do Cinema. Para iniciar essa "filmagem" optou-se por um plano geral onde "[...] a câmera vê todo o ambiente onde está o objeto da ação" (MOLLETA, 2009, p. 47) e mostrará o Cinema em seus variados aspectos, tais como, científico, documental, artístico, comercial, de linguagem, entretenimento, etc.

O plano geral será mantido nas primeiras tomadas no intuito de revelar todos os aspectos anteriormente mencionados. Este enquadramento permanecerá até o final da sequência.

A primeira cena surge em *fade in*² que parte de "[...] uma tela totalmente escura que vai aos poucos clareando até revelar a imagem em sua luminosidade normal" (ANG, 2007, p. 157) e mostra o interior de um Café, à noite, onde acontece um evento: o "nascimento" do Cinema.

Em 28 de dezembro de 1895, em Paris, é estabelecido o marco do início do cinema, com a primeira projeção pública de fotografias animadas usando o cinematógrafo. Este aparelho, criado pelos irmãos Auguste (1862-1954) e Louis (1864-1948) Lumière, exhibe pela primeira vez fotografias por transparência e concretiza um sonho humano de reproduzir o real em movimento através da exibição de pequenos filmes.

Entre as películas expostas nesta apresentação pioneira estão a saída dos operários de uma fábrica (figura 1); um bebê sendo alimentado por seus pais; um jardineiro molhando as plantas em um jardim; uma partida de cartas; a chegada de um trem à estação (figura 2); uma demolição de um muro e outros registros da vida cotidiana. Este fato teve como propósito divulgar o invento voltado para suas características como entretenimento, além de aferir o seu potencial comercial. Segundo Mannoni (2003), para assistir a sessão era cobrado um franco de cada espectador como ingresso.

² Do termo inglês *fade away* que significa desaparecer aos poucos.



Figura 1 - Filme exibido pelos irmãos Lumière na sessão inaugural: *La sortie des ouvriers de l'usine Lumière* (1895)



Figura 2 - Filme exibido pelos irmãos Lumière na sessão inaugural: *L'arrivée d'un train em gare de La Ciotat* (1895)

Apesar de o cinema ter surgido com características mercantis, de lazer e entretenimento, sua vocação educativa data de sua gestação. É incomum que uma invenção desponte repentinamente de forma definida e pronta. O nascimento do cinema que teve como marco a exibição promovida pelos irmãos Lumière é o resultado de uma série de pesquisas científicas anteriores.

Todo o período que antecedeu a invenção do cinema, conhecido hoje como pré-cinema, foi estabelecido por seus protagonistas com caráter científico focado na pesquisa, nos campos da ciência e da produção de conhecimentos, voltados em alguns casos para melhorar a aprendizagem em diversos setores e, mais especificamente, para atender a demandas educacionais.

Isso significa que as relações entre o cinema e a educação são mais antigas do que o surgimento do cinema propriamente dito.

Um dos primeiros pesquisadores a analisar o movimento a partir da fotografia foi Muybridge (1830-1904) que, para responder questões sobre o deslocamento do cavalo durante a sua corrida, registrou fragmentos do movimento com câmeras dispostas lado a lado, disparadas em sequência e que proporcionavam várias imagens fixas de etapas do movimento.

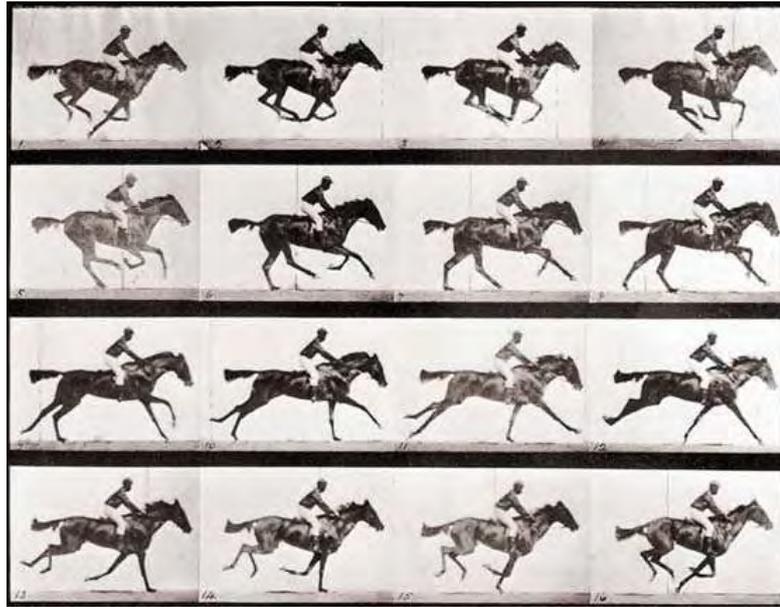


Figura 3 - Fotografias de Muybridge: *The horse in motion* (1878)

Anos depois, o médico e fisiologista Dr. Marey (1830-1904), ao investigar o movimento construiu o fuzil fotográfico (figura 4), um aparelho que capturava 16 imagens fotográficas por segundo em sequência (figura 5). Com este aparelho voltou seus estudos para "reconstruir o movimento", ou melhor, criar a ilusão do movimento e acabou por contribuir com a divulgação da cronofotografia³ e, com ela, colaborou com o surgimento das bases para o cinema. Suas pesquisas, no campo da fisiologia, buscavam analisar os movimentos humanos para diagnosticar doenças das articulações e para melhorar o rendimento de atletas.



Figura 4 - Fuzil fotográfico de Marey (1882)

³ "Diversas tomadas de um mesmo movimento, de acordo com um tempo rigorosamente preciso - *crono* vem de uma palavra grega que significa tempo". Definição extraída de Foiret (1995, p. 42).

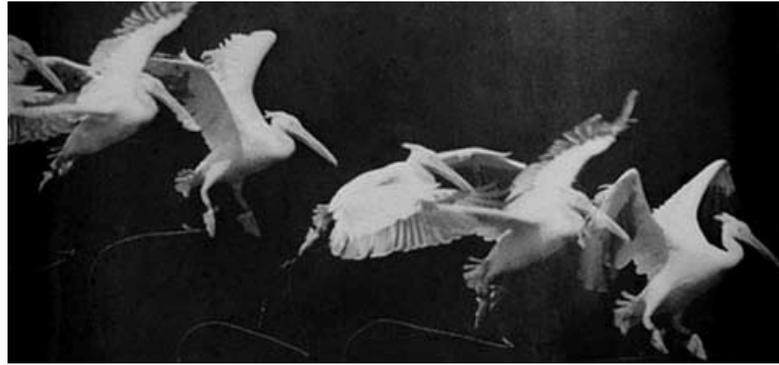


Figura 5 - Cronofotografia - imagem obtida com o fuzil fotográfico de Marey: *Pelican in flight* (1882)

Podemos estabelecer a partir desses referenciais históricos do período considerado como pré-cinema que o primeiro grande estímulo para as pesquisas que originaram o cinema em si, como afirma Franco (1995), foi a documentação científica com o registro do movimento de animais e seres humanos, inaugurando, com isso, sua vocação documental e que a

[...] construção do cinema, como fruimos hoje, começou como uma investigação de tecnologia. A partir da captura do real estático possibilitado pela fotografia, em meados do século XIX, a fantasia e a curiosidade dos inventivos começou a perseguir a captura do real em movimento. (idem, 1995, p.50)

Um dos colaboradores de Marey, Georges Démeny (1850-1917), ao adaptar o fuzil fotográfico produziu o fonoscópio e, como afirma Foiret (1995), criou um sistema que permitia aos "surdos-mudos" aprender a ler as palavras através dos registros dos movimentos dos lábios.



Figura 6 - Série de cronofotografias para o fonógrafo de George Demeny: *Je vous aime* (1892)

Nos anos que se seguiram, Thomas Édison (1847-1931), que tinha parte de sua pesquisa voltada para o registro da imagem em movimento, percebeu nos resultados das pesquisas em andamento um grande avanço científico. Isso o levou a intensificar seus estudos nesta área e, junto com sua equipe, em 1890, solucionou o problema de mover a película

dentro da câmara ao idealizar o filme perfurado. No ano seguinte, inventou, com a efetiva colaboração de seu engenheiro William Kennedy Dickson (1860-1935), os primeiros equipamentos de gravação e visualização de filmes em película denominados, respectivamente, cinetógrafo e cinetoscópio.

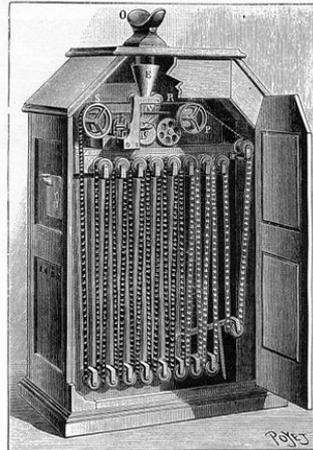


Figura 7 - Cinetoscópio de Edison e Dickson (1891)

Em seguida, começou a produzir filmes que eram cenas de vida familiar, cenas cômicas, de pessoas e veículos nas ruas, acontecimentos esportivos e artísticos e vários outros registros do movimento. Estes registros da época, em sua maioria documentais, despertaram a curiosidade de muitos e a novidade foi trazida a público como diversão e entretenimento. A singularidade e a originalidade da inovação apresentada, associadas ao já mencionado interesse das pessoas fez com que Edison adotasse, em 1894, uma postura mercantil diante de seu invento. O uso comercial do cinetoscópio, segundo Mannoni (2003), proporcionou a seu inventor arrecadar muito dinheiro. No mesmo ano, no entanto, foi realizado, pela equipe de Thomas Edison, um filme sobre o procedimento de anestesia para extração de dente utilizando o "gás do riso" para demonstrar o processo utilizado pelo Dr. Colton (1814-1898).

A "máquina de reproduzir a vida", que era uma das denominações do cinetoscópio, permitia que somente um espectador por vez apreciasse o filme no interior do aparelho com um dos olhos (figuras 8 e 9), através de um pequeno visor composto de uma lente que aumentava ligeiramente as imagens. Enquanto Edison cuidava de seus interesses ligados ao cinetoscópio e a arrecadação que ele lhe proporcionava, seu sucesso "[...] financeiro vai acelerar rapidamente a corrida para a invenção do projetor cronofotográfico". (MANNONI, 2003, p. 379)



Figura 8 - Salão de exibição de cinetoscópios em São Francisco (1899)



Figura 9 - Cinetoscópio

Tendo esse último invento de Edison como forte influência e incentivo à pesquisa, os industriais e fotógrafos, Auguste e Louis Lumière, apresentaram, em 1895, o cinematógrafo. Os irmãos Lumière não só criaram uma câmera de filmar (figura 10) como também uma forma de transformá-la em um aparelho capaz de projetar as imagens filmadas por ela. Rittaud-Hutinet (1995) explica que o cinematógrafo era composto por uma grande lanterna e uma pequena câmera. Para projetar o filme bastava posicionar a lanterna atrás da câmera. A lanterna emitia a luz e a câmera desfilava o filme e ampliava a imagem. Para filmar utilizava-se apenas a câmera.



Figura 10 - O cinematógrafo dos irmãos Lumière

De acordo com Fihman (1996, p. 53) "esta reversibilidade do mesmo aparelho foi um dos fatores que permitiram seu sucesso [...]". Além disso, trouxe como inovação o fato de libertar a imagem que ficava presa dentro de uma caixa (o cinetoscópio de Edison), colocando-a para fora, aumentando-a sobre uma tela e possibilitando, assim, que várias pessoas assistissem ao filme ao mesmo tempo. O termo cinematógrafo passou a identificar a nova arte em grande parte das línguas (cinema, ciné, kino etc).



Figura 11 - Ilustração sobre a utilização do cinematógrafo

Desta forma, pode-se considerar que

[...] talvez não seja exagerado afirmar que o cinema nasceu educativo e científico. Os inventos que, na segunda metade do século passado, precederam a histórica exibição inaugural do cinematógrafo dos irmãos Lumière em 1895, estão, em vários casos, diretamente ligados a objetivos de investigação científica, assim como à divulgação e ao ensino dessas pesquisas. Já em 1874, Janssen conseguiu por intermédio de seu rudimentar "revólver fotográfico" (ou pistola astronômica), estudar e registrar a passagem de Vênus pelo disco solar, demonstrando, assim, a utilidade da fotografia nos estudos astronômicos. Os dispositivos criados pelo inglês Muybridge entre 1872 e 1882, para fotografar a locomoção animal e humana, e, na França, pelo fisiologista e médico Marey, com seu fuzil fotográfico, seus cronógrafos de placa fixa e placa móvel, culminando com a apresentação de suas primeiras filmagens em película na Academia de Ciências de Paris em 1885, bem como outras contribuições similares, esboçaram, por assim dizer, a história do cinema educativo, antes mesmo da câmera cinematográfica criada por Friese-Greene na Inglaterra, do cinetoscópio de Edison e do cinematógrafo dos irmãos Lumière. (PFROMM NETTO, 2001, p. 85)

1.2 - *Zoom in*: do plano geral ao plano de detalhes

A partir de agora e até o final da próxima sequência, serão mostradas, com mais detalhes, algumas nuances do relacionamento entre cinema e educação. Para tanto será realizado um longo e lento *zoom in*, efeito que "[...] provoca uma mudança no campo de visão, dando ao espectador a sensação de que a câmera aproxima" (ANG, 2007, p. 58) para mostrar a cena com os detalhes ampliados.

O *zoom* dar-se-á até o plano de detalhes, quer dizer, a relação Cinema e Educação aparecerá em primeiríssimo plano⁴ "[...] para mostrar os detalhes mais significativos [...] em que o espectador precisa "ver" para sentir ou entender o que está acontecendo na ação" (MOLETTA, 2009, p. 49)

Mesmo o cinema surgindo voltado para o entretenimento, pelas mãos de Edison e dos irmãos Lumière, seu caráter educacional e científico, como se pode constatar, esteve sempre presente. Edison realizou vários filmes sobre física, química e história natural para a educação de seu neto. O sucesso deste empreendimento intensificou as produções neste setor fazendo surgir no início do século XX inúmeras companhias voltadas para produzir e distribuir filmes educativos.

O cinema não só atrai as atenções pela novidade, mas estabelece uma nova forma de informar, sendo assim,

[...] as potencialidades do novo aparato técnico passaram a ser exploradas na documentação de sociedades e culturas muito diversas, de ambientes naturais e da vida animal, gerando imagens de grande valor científico e etnográfico. Em 1896, na Rússia, os operadores de Lumière registram imagens da coroação do Czar Nicolau, dando origem a uma nova concepção de jornalismo. Na passagem do século XIX para o século XX, o português Silvino Santiago grava imagens inéditas da selva amazônica. Nos anos 1910, Luis Thomas Reis, trabalhando como cinegrafista oficial da Comissão Rondon, produz uma vasta documentação em cinema da cultura indígena brasileira. [...] Na década de 1920, John Grierson e o brasileiro Alberto Cavalcanti, na Inglaterra, Marcel Griaule, na França, Dziga Vertov, na União Soviética dão uma contribuição decisiva para a consolidação do cinema como registro do "real" e abrem as portas para sua inscrição como instrumento de pesquisa acadêmica. (DUARTE, 2002, p. 24-25)

No campo da medicina inúmeras foram as contribuições. Na França, no final do século XIX, o Dr. Doyen (1859-1916) associou-se a Clément Maurice (1853-1933) para filmar as intervenções cirúrgicas realizadas por ele para uso no ensino médico. Entre as

⁴ O plano de detalhes é também conhecido como primeiríssimo plano.

cirurgias filmadas por Maurice figuram uma cesariana, uma laparotomia, uma extração de um rim, entre outras. Na Alemanha, na mesma época, o Dr. Ernst von Bermann (1836-1907), um dos maiores cirurgiões de seu tempo, fez diante da câmera de Oskar Messter (1866-1943), a amputação de uma perna. Messter distinguiu-se pela contribuição que deu aos domínios técnicos da filmagem, como a filmagem em câmera lenta.

A escola, desde o surgimento do cinema, percebeu seu potencial e

[...] em 1906 já se discutia apaixonadamente na França o emprego do cinema com fins educativos, e em 1910 a questão do cinema escolar foi objeto de debates em congresso internacional de educadores realizado em Bruxelas. O período subsequente a 1910 foi de afirmação e ampliação do cinema educativo, tanto na América do Norte como na Europa. (PFROMM NETTO, 2001, p. 77)

Ainda no mesmo ano, foram lançados nos Estados Unidos, França e Inglaterra catálogos especializados de filmes educativos. Pfromm Netto (2001) destaca que na apresentação do catálogo publicado em Chicago que listava mais de mil títulos, seu organizador George Kleine (1864-1931) assinalava que "os filmes educativos fazem o trabalho dos livros didáticos sem ter a secura destes, e além disso transmitem um conhecimento que não pode ser obtido por meio da simples leitura". Destaca, ainda que o mesmo catálogo publicou uma carta escrita por Thomas Edison, na qual afirmava que "os filmes cinematográficos são e serão de grande importância na educação do povo".

1.3- Um novo cenário: o Brasil

Com uma transição, ou seja, um "[...] efeito que se aplica entre o fim de um clipe e o começo do próximo [...] para suavizar o ponto de mudança" (ANG, 2007, p. 156) a relação Cinema e Educação passará, a partir de agora, a ser narrada em um cenário diferente dos anteriores.

No Brasil, o cinema seguiu o mesmo caminho que na Europa e nos Estados Unidos. Nos primeiros anos, a novidade motivou sua veiculação como entretenimento, mas as discussões sobre seu emprego na educação aconteciam paralelamente. Tanto que um estudo publicado em 1944 por Adalberto Mário Ribeiro, data de 1910 a utilização pioneira do cinema a serviço do ensino no país, com o nascimento da filmoteca do Museu Nacional no Rio de Janeiro, na ocasião, a capital federal.

Nos anos que se seguiram a produção de filmes educativos se expandiu, tendo, entre os precursores, Roquette-Pinto (1884-1954) que realizou algumas películas sobre os índios Nhambiquaras, em Rondônia.



Figura 12 - Imagem extraída do filme sobre os indígenas brasileiros por Roquette Pinto (1912)

O cinema que surgiu como a "reprodução do real", teve caráter de registro em grande parte dos filmes produzidos nos primeiros anos de sua história. Este cunho documental estabeleceu as características indispensáveis e essenciais para a origem oficial do cinema educativo.

Entretanto, com o passar do tempo e a busca incessante por descobrir novas possibilidades, percebeu-se que o cinema era um excelente veículo para narrar histórias e não somente como memória de fatos, pessoas e acontecimentos. Desta forma, ele ganhou uma feição diversa, pois ao contar uma história, implicava lidar com a fantasia. E assim, consolidava-se a ficção no cinema.

No início, a busca por narrar histórias através da imagem em movimento possibilitou não só explorar a tecnologia como também criar uma linguagem própria. O passar do tempo, a continuidade de sua utilização e a sua consolidação, permitiu que esta linguagem fosse reconhecida como arte.

A escola desde o início do cinema, já havia percebido sua vocação documental e seu potencial para o ensino. Catelli (2004) afirma que um dos teóricos de maior destaque nas décadas de 20 e 30 foi Joaquim Mendes Canuto de Almeida (1906-1990) que propôs a

implantação do cinema educativo no Brasil e defendia que o cinema poderia trazer grandes benefícios para os alunos. Afirmava, ainda, que os filmes poderiam cumprir o papel de mostrar o Brasil aos brasileiros em diversos aspectos: no geográfico trazendo diferentes paisagens, no histórico com os eventos, no cultural mostrando as manifestações populares existentes pelo diversos recantos do país, no cívico através da apresentação dos monumentos e dos atos políticos, entre outros aspectos.

Na década de 20 já se mostrava com bastante nitidez a diversidade da produção cinematográfica documental, em contraste com o cinema ficcional e comercial. Diante do potencial que essa "jovem" linguagem apresentava, "[...] os educadores intuíram que havia uma relação intrínseca entre cinema e educação. Apossaram-se, no entanto, apenas da tecnologia e tentaram criar uma linguagem visual específica para a educação" (Franco, 1995, p. 51). Ganhou força, assim, a ideia da implementação do cinema educativo.

No final da década, o numeroso acervo de filmes e um decreto⁵ publicado, permitiu a utilização do cinema educativo nas escolas primárias do Rio de Janeiro. Para tanto todas as escolas foram equipadas com projetores cinematográficos. Posteriormente, o mesmo aconteceu na cidade de São Paulo.

Em 1937, no governo de Getúlio Vargas, foi criado o INCE⁶, Instituto Nacional de Cinema Educativo, que "[...] destinava-se a promover e orientar a utilização da cinematografia, especialmente como processo auxiliar de ensino e ainda como meio de educação popular" (RAMOS, 2000, p. 299), embora uma comissão já funcionasse desde o ano anterior.

O INCE tinha o objetivo de incentivar a produção, distribuição, exibição e divulgação, em todo o Brasil, do cinema educativo de temática nacional, valorizando a cultura brasileira e com vistas a construir uma identidade nacional. Sua criação estava pautada na proposta de uma reforma social através de uma reforma do ensino, tendo o cinema como um dos alicerces para esta reforma.

A implantação do cinema educativo seguiu a mentalidade educacional e o propósito político da época que atestava ser

[...] necessário manter esse meio sob o controle daqueles que detinham o saber e que poderiam levar a cultura até o povo. Cabia às elites letradas conduzir o que seria veiculado pelo cinema, sendo estas capazes de trazer os incultos para a civilização,

⁵ Decreto de Reforma do Ensino nº 3281, de 23 de janeiro de 1928, de autoria de Fernando de Azevedo (1894-1974).

⁶ Lei nº 378, artigo 40, em 13 de janeiro de 1937 - Ministério da Educação e Saúde tendo como ministro Gustavo Capanema.

pela aplicação da ciência e espalhando a cultura nacional pelo país. (CATELLI, 2004, p. 8)

Até a sua extinção, em 1966, o INCE foi dirigido por representantes destas "elites letradas" e cumpriu o que se propôs. Realizou filmes (e teve uma produção bastante ampla), promoveu projeções em mais de mil escolas e instituições culturais, organizou uma filmoteca e elaborou documentários, embora parte dessa produção tenha sido "[...] feita de acordo com as expectativas do que seria bom cinema do ponto de vista destes intelectuais, mas não do aluno"(MORETTIN, 1995, p. 19). Em sua obra estão incluídos títulos da literatura brasileira bem como resgate de episódios da história no país. Abordou uma vasta diversidade temática e construiu um acervo incluindo geografia, medicina, zoologia, história, música, educação rural, arte e cultura, documentação científica e industrial, entre outros.



Figura 13 - Cena do filme "A velha a fiar" dirigido por Humberto Mauro e produzido pelo INCE (1960)

O INCE foi incorporado pelo INC (Instituto Nacional de Cinema) por decreto⁷ do governo militar do Marechal Castelo Branco que passou a dar ao estado maior controle não só da produção do cinema educativo como também do cinema comercial, da exibição de filmes e a responsabilidade de desenvolver a indústria cinematográfica brasileira. Isso reduziu consideravelmente a realização dos filmes educativos.

Nos anos que se seguiram, a cinematografia voltada para educação sofreu novo impacto com a expansão da televisão no país. As TVs educativas passaram a exibir as

⁷ Decreto nº 43 - artigo 31, de 18 de novembro de 1966

películas existentes e, posteriormente, foram gradativamente se responsabilizando pela confecção de filmes direcionados ao ensino.

No entanto, a difusão das filmotecas que já vinha acontecendo desde há décadas, teve, nos anos 60, um grande impulso e passou a exercer papel relevante na relação cinema e educação, em especial as

[...] filmotecas de embaixadas e consulados e de organizações privadas, que longe de abrigarem películas somente ligadas às atividades de promoção dos respectivos países ou empresas, puseram à disposição das escolas filmes praticamente a respeito de tudo: física, química, biologia, tecnologia, história, geografia, artes, música, treinamento de pessoal, apoio à comunidade, higiene e saúde, nutrição etc. [...] Quanta coisa excelente foi posta ao alcance dos nossos estudantes, sob a forma de filmes educativos, predominantemente filmes sonoros. (PFROMM NETTO, 2001, p. 92)

Ainda na mesma década, surgia no mercado um novo tipo de filme acondicionado em cartuchos e em cassetes. Surgiram, também, equipamentos de projeção baratos e de fácil utilização. Essas inovações despertaram grande interesse e foram responsáveis, nos anos 60 e 70, por um novo incentivo na disseminação do cinema na educação e, também, em outros setores.

No mercado brasileiro surge, em 1982, o *Video Home System* (VHS) com tecnologia de gravação e reprodução audiovisual em meio magnético para emprego doméstico que define novos padrões de uso do cinema e cria um novo mercado de consumo midiático no país. Surgem os videoclubes e as videolocadoras. A qualidade das imagens geradas, o preço dos equipamentos e a praticidade de manuseio,

[...] consolidaram o videocassete como um aparelho necessário aos lares de classe média, e em seguida, até mesmo as camadas mais populares tiveram acesso a esse bem. [...] Da sala de casa para a sala de aula foi um pulo. Os professores notaram que filmes poderiam servir de apoio pedagógico para as suas disciplinas, valendo-se de aparatos tecnológicos acessíveis e da menção a conteúdos de maneira mais atraente que as tradicionais aulas expositivas. (CHRISTOFELETTI, 2009, p. 604)

No final do século XX, surge no Japão o *Digital Video Disk* (DVD) que, segundo Christofeletti (2009), só se popularizou no Brasil a partir de 2003 e, gradualmente foi substituindo o mercado do VHS. Em relação ao VHS, os DVDs tiveram uma disseminação ainda mais rápida por serem "[...] mais práticos no manuseio, mais nítidos em áudio e vídeo, mais duráveis e com conteúdos extras" (idem, 2009, p. 604).

Com o advento do VHS nas escolas desde os anos 80 até hoje com o uso difundido do DVD, muitas propostas de utilização de filmes em sala de aula foram apresentadas. Em

artigo publicado em 1995, Moran relaciona, entre proposições e inadequações, cerca de 15 formas de utilização do audiovisual através de vídeo em sala de aula por professores e alunos.

Dentre as propostas apresentadas por Moran, figuram: o uso de filmes "para introduzir um novo assunto"; "como ilustração" complementar de conteúdo que permite, inclusive, trazer para a sala de aula imagens de realidades distantes dos alunos; "como conteúdo de ensino"; como "documentação", entre outras formas. Sugere, ainda, que em todos os casos, o filme deva ser usado como ponto de partida para promover debates e discussões.

Várias destas e outras formas de utilização dos filmes nas escolas, com ou sem debate ao final da exibição, foram tornando-se propostas auxiliares nos processos pedagógicos que expressam a relação atual entre cinema e educação.

Neste ponto da narrativa é possível encerrar um episódio deste "filme" e inferir que ao longo de toda a cronologia do cinema e mesmo antes de seu marco inaugural, no período do pré-cinema, cinema e educação sempre mantiveram uma relação próxima com características próprias e diversas, de acordo com o local, a época e a maneira como esta relação se configurava.

No entanto, o cinema como linguagem, carregado de códigos de endereçamentos, semióticos, narrativos, com seus aspectos técnicos etc. parece ainda não fazer parte dos programas escolares, sendo ainda utilizado com maior frequência como ferramenta auxiliar e não como conteúdo do ensino de arte.

As várias "tomadas"⁸ apresentados, serviram para contar um pouco da história e estabelecer uma forma narrativa que ao mesmo tempo registrasse e enfatizasse a relação entre cinema e educação. O *zoom in* operado nesta sequência buscou dar uma visão horizontal e em toda a sua amplitude sobre alguns acontecimentos ao longo do tempo.

Há que se considerar que ao direcionar a câmera, o enquadramento acaba por delimitar o campo. Desta forma são feitas escolhas do que fica em quadro e será mostrado e do que fica fora da cena. Se por um lado este *zoom* conduziu o olhar do espectador para se aproximar do objeto principal, no caso, a relação hoje existente entre cinema e educação, por outro lado, deixou escapar do campo de visão, cenários importantes, personagens indispensáveis e outros aspectos que cercam e envolvem o motivo principal.

Teve início com um plano aberto que permitiu ver o cinema contribuindo com a ciência, revelando suas primeiras aproximações com a educação, gerando novas tecnologias, se respaldando no conhecimento científico e na pesquisa e, em retribuição, produzindo mais

⁸ "São as menores unidades de ação de cada cena, gravadas sem corte." (MOLETTA, 2009, p. 47)

conhecimento e cultura. No mesmo plano foi possível ver o cinema dando seus primeiros passos na direção da própria mercantilização o que iniciou o percurso para estabelecer o cinema como indústria e entretenimento. Nesse enquadramento inicial ainda se viu nitidamente a busca dos pioneiros do cinema por contar histórias e criar novas realidades, o que o consolidou como linguagem e como arte. Como se pode constatar, um plano geral rico em elementos.

No entanto, conforme foi se desenvolvendo o roteiro, a vinculação do cinema com a educação foi tornando-se mais clara e nítida. A educação sempre se colocou como protagonista e, via de regra, o cinema aparecia como coadjuvante no processo. Para que a educação se servisse do cinema alguns dos aspectos foram se tornando inaplicáveis ou deliberadamente desconsiderados.

E neste enredo, levando-se em conta as discussões dos professores e dos teóricos no percurso de pouco mais de um século, alternando cenas de soluções decretadas pelo poder público para atender interesses eminentemente políticos com outras cenas que revelam o instinto de preservação da escola como instituição detentora e divulgadora de conhecimento, foi-se fechando o campo de visão para o cinema.

O enquadramento manteve-se sempre voltado para o cinema e a educação, mas passou a mostrar a relação do ensino escolar resumindo o cinema e toda sua diversidade acima mencionada, em um único aspecto: o conteúdo dos filmes que podem contribuir com as aspirações dos professores de cumprir os seus programas ou da escola de modernizar e enriquecer seu processo de ensino-aprendizagem.

1.4 - *Zoom out*: resgate do cinema

Um novo episódio começará a ser contado com algumas adaptações no roteiro. Parte das mudanças são de caráter técnico e outra parte apresenta novos elementos ao enredo e a narrativa da história.

As alterações no roteiro quanto aos aspectos técnicos serão em relação à iluminação e ao movimento de *zoom*. Como outros personagens entrarão em cena, o foco de luz será um pouco mais aberto para iluminá-los e o enquadramento se abrirá em um *zoom out* para que os mesmos sejam incluídos no plano.

Os elementos da linguagem cinematográfica que foram postos na penúmbra ao longo do tempo são alguns dos personagens que passarão a compor a cena. Junto com os alunos que passam de espectadores a atores, o cinema assume seu papel de protagonista ao lado da educação.

O objeto desta pesquisa propõe resgatar elementos do Cinema que, ao longo do tempo, foram deixados de lado ou sub-utilizados pelas propostas educacionais.

O objetivo é abrir o campo de visão sobre a utilização do cinema na educação, sem desconsiderar o que foi e vem sendo realizado, mas ampliar suas possibilidades de uso. Para tanto, luzes e câmera apontam não apenas para a discussão do conteúdo dos filmes, como também, e, principalmente, para aspectos como o domínio da linguagem cinematográfica. A possibilidade da criação da própria narrativa, os aspectos artístico-culturais próprios do cinema e a valorização da experiência e da realidade sócio-cultural dos alunos entram em cena.

Atualmente, como já foi apontado por Morán (1995), o cinema é utilizado pela escola de várias formas distintas, porém as diversas propostas pedagógicas com cinema que incluem exibição de filmes e posterior debate foram sendo, correta ou equivocadamente, enquadradas com a denominação genérica de "análise fílmica".

Cabe ressaltar que as propostas de utilização do cinema acima referidas são de grande valor pedagógico, a ressalva feita é em relação a uma nomenclatura específica usada de forma generalizada e, algumas vezes, incorreta.

As atividades de análise fílmica não direcionam a atenção ou restringem a discussão apenas no conteúdo, no enredo apresentado na película. Também buscam discutir e entender o conteúdo num espectro mais amplo que inclui a linguagem cinematográfica e os seus elementos fílmicos (ângulos, enquadramentos, planos, sequências, iluminação, sonoplastia etc), as escolhas diegéticas e as opções do diretor ao narrar a história. Além disso, "analisar um filme é também situá-lo num contexto, numa história". (VANOYE; GOLIOT LÉTÉ, 1994, p. 23)

Ao se produzir filmes em curta metragem com alunos em sala de aula é possível familiarizar-se com a linguagem cinematográfica e resgatar alguns dos aspectos acima citados que, de maneira geral, permanecem fora do campo de visão e que, ao que tudo indica, poderão contribuir para uma formação mais plena.

Percorrer o processo de criação de um filme, desde a escolha do tema, construindo o roteiro, pensando a decupagem⁹, produzindo, filmando, editando, exibindo e discutindo tanto o processo quanto o produto final é uma maneira de dar voz aos alunos, como também mobilizar o olhar (visão) e os demais sentidos. É trazer à discussão as vivências e o cotidiano do aluno para dentro da escola e permitir conhecer o alunado, suas reais preocupações e seus anseios contemporâneos a partir deles mesmos.

Possibilita, ainda, o contato com as tecnologias envolvidas no processo e o acesso a alfabetização audiovisual, rompendo a barreira que

[...] uma grande maioria das pessoas cuja inteligência foi e está sendo educada por imagens e sons, pela quantidade e qualidade do cinema e televisão a que assistem e [...] os programas e teorias de alfabetização não lidem com a 'alfabetização' de imagem e sons, com essa moderna forma de entender e agir no mundo. (ALMEIDA, 2004, p. 8)

Sendo assim, o objeto de pesquisa em questão, enquanto apresenta o processo de produção de filmes em curta metragem realizado em sala de aula, a partir da experiência docente desenvolvida com os alunos dos 9º anos do Colégio de Aplicação João XXIII - UFJF, se coloca como provocador de uma discussão que se quer, em enquadramento mais aberto, incluindo os elementos da linguagem, acima mencionados, para uma formação artística, multicultural e inclusiva de jovens.

⁹ "É um diagrama representando os planos, em que o diretor basicamente define a sua visão de filmagem do roteiro literário, incluindo movimentos de câmera e o ângulo definido pela lente, de maneira a ter uma visão geral do filme de uma vez". (RODRIGUES, 2007, p. 70-71) Esse procedimento otimiza o trabalho durante a filmagem.

Capítulo 2
ROTEIRO METODOLÓGICO

2- ROTEIRO METODOLÓGICO

Vem do meio cinematográfico a expressão "Luz... Câmera... Ação!", conhecida como a forma que o diretor do filme principia o registro fílmico de uma cena. A intenção é verificar se tudo está pronto e ordenar o início da filmagem.

Porém, quando se chega ao momento da filmagem, grande parte do processo de concepção, elaboração e produção cinematográfica já foi percorrido.

A cena que está prestes a iniciar traz esse processo, incluindo a filmagem até o filme pronto e tendo o ambiente escolar como cenário. As atividades não somente serão realizadas em sala de aula, como as luzes, as lentes e os olhares são direcionados para o conhecimento e a educação em arte.

Esse outro roteiro traz para o contexto da sala de aula uma proposta diferente de utilização do cinema na escola. Isso quer dizer que a ideia de realizar filmes em curta metragem com os alunos nas aulas curriculares de artes permite que os mesmos vivam uma experiência artística, apresentando seus pontos de vista e expressando-se através dos códigos da linguagem do cinema. Os alunos que comumente são espectadores dos filmes produzidos geralmente pelos adultos, transformam-se em atores no processo.

Cada grupo de alunos torna-se um núcleo de produção. Produtores de filme em curta metragem e também produtores de conhecimentos.

Então, subvertendo a reconhecida expressão do cinema para utilizá-la nesse momento de inauguração dessa nova "filmagem", pode-se ouvir ecoar pelo estúdio, em alto e bom som, a voz dos diretores de cada grupo de alunos entoando: "Educa... Câmera... Ação!". Logo o roteiro começa a ser revelado e aparece o objeto dessa pesquisa.

Definir objeto numa pesquisa acadêmica é o mesmo que definir, no cinema, o *plot* principal¹⁰ para um filme, visto que o *plot* principal, junto com os *plots* secundários, geram e estimulam a continuidade da trama e mantém a unidade do filme.

Tanto o *plot* principal quanto o objeto de pesquisa motivam as ações, respectivamente, no filme e na investigação.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a prática pedagógica no ensino de artes que utiliza a linguagem cinematográfica na escola a partir do processo de produção de filmes em curta metragem pelos alunos em sala de aula.

¹⁰ É o núcleo central da ação dramática, o motivo gerador ou o elemento causador do desenvolvimento do enredo. Do inglês quer dizer trama, intriga.

A opção em estudar a linguagem cinematográfica na produção de filmes realizada pelos alunos como objeto de pesquisa foi estabelecida recentemente, motivada pela proposta de ensino focada no estudo da imagem em movimento realizada no colégio desde 1999, dos resultados empíricos observados na realização desta proposta ao longo dos anos e da carência de estudos envolvendo cinema e educação nesta perspectiva de produção fílmica.

Vale ressaltar que os projetos que veiculam cinema na escola, em grande parte, trazem o filme do circuito comercial como motivação ou ferramenta para um trabalho pedagógico específico ou, ainda, para exemplificar um tema trabalhado na sala de aula.

A linguagem cinematográfica usada como fator de alfabetização audiovisual na vertente da produção de filmes ainda é rara nos programas escolares e pouco se sabe sobre as formas de utilização deste procedimento e sobre as potencialidades desse modelo no contexto da aprendizagem.

É relevante trazer à discussão, a forte presença que a imagem em movimento tem em nosso cotidiano e um número cada vez maior de teóricos que indicam a necessidade de iniciativas que atentem e reflitam sobre essa experiência cotidiana no âmbito educacional.

Milton Almeida (2004, p. 8) afirma que, neste aspecto,

[...] a escola está em constante desatualização, que é sublinhada pela separação entre a cultura e a educação. A cultura localizada num saber-fazer e a escola num saber-usar, e nesse saber usar restrito desqualifica-se o educador, que vai ser sempre um instrumentista desatualizado. Essa é uma das separações entre educação e cultura. Outra, talvez mais importante, é que, atualmente, há uma grande maioria de pessoas cuja inteligência foi e está sendo educada por imagens e sons, pela quantidade e qualidade de cinema e televisão a que assistem e não mais pelo texto escrito.

Esta profusão do produto audiovisual fora da escola e seu uso pedagógico restrito é uma realidade revelada nas Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000, p. 47) ao afirmar que estudar e aprender artes audiovisuais constitui um novo parâmetro de inserção cultural ainda pouco praticado nas escolas.

A relação das pessoas com a imagem em movimento é bastante significativa e consolidada no cotidiano. Sua utilização no processo de aprendizagem escolar possibilita entender os modelos de comunicação e informação desenvolvidos na sociedade favorecendo, assim, a construção de conhecimento, o desenvolvimento da capacidade crítica e a inclusão tecnológica.

Vale ainda destacar que

se o domínio dos códigos que compõem a linguagem audiovisual constitui poder em sociedades que produzem e consomem esse tipo de artefato, é tarefa dos meios educacionais oferecer os recursos adequados para a aquisição desse domínio e para a ampliação da competência para ver, do mesmo modo como fazemos com a competência para ler e escrever. (DUARTE, 2002, p. 82)

2.1- Objetivos

Ao vivenciar este processo de produção de filmes com os alunos nos últimos anos, inúmeras questões foram surgindo. Dessa forma, essa investigação está compromissada com a busca de algumas respostas relacionadas com o objeto apresentado, e estruturada a partir dos objetivos abaixo descritos:

- Analisar e fundamentar a utilização da linguagem cinematográfica na produção de filmes realizada por alunos em sala de aula.
- Analisar de que maneira a utilização desta linguagem pode favorecer na formação do sujeito crítico que percebe e compreende o contexto, se comunica e se expressa por meio dos códigos audiovisuais.
- Relacionar em quais aspectos a produção de filmes realizada pelos alunos contribui para a sua aprendizagem em arte.

Essa pesquisa visa contribuir com essa discussão teórica e apresentar uma experiência prática nessa direção.

2.2- A pesquisa

Classificar nunca parece fácil. Este "filme" tem características de suspense investigativo, por narrar uma pesquisa acadêmica, mas tem também elementos de um documentário, por ser registro de fatos reais acontecidos a partir de um trajeto em sala de aula. Além disso, a narrativa conta a trajetória de alunos que criaram suas histórias, meras

ficções, mas impregnadas de preocupações reais e se expressaram através da comédia, do drama, do suspense, da paródia entre outros.

A investigação, porém, foi conduzida numa perspectiva que enfatiza a descrição, a observação empírica, o diálogo com os sujeitos e o estudo das percepções pessoais.

Vale destacar que em uma pesquisa qualitativa os dados são

[...] ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. [...] Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação. As causas exteriores são consideradas de importância secundária. Recolhem normalmente os dados em função de um contato aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais. (BOGDAN, 1994, p.16)

E ainda, que a preocupação é com o contexto entendendo que "[...] as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência" e sendo assim, "[...] divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado" (idem, 1994, p. 48).

Nesta perspectiva, podemos afirmar que esta pesquisa é de cunho qualitativo uma vez que a recolha dos dados foi realizada no "ambiente habitual de ocorrência", a ênfase maior se deu mais com o processo e com o contexto em que as ações ocorreram. Outrossim, os dados coletados têm características descritivas em forma de palavras e imagens, registrados com maior interesse em seus significados.

Esta é uma pesquisa realizada na sala de aula. Teve como investigador o próprio professor da turma e alunos informantes como atores do processo de produção do próprio conhecimento através do domínio da linguagem cinematográfica.

Nestes termos, podemos destacar a importância da participação que transforma os alunos em informantes e sujeitos.

A abordagem desta investigação é, portanto, do tipo pesquisa participante uma vez que a participação "[...] possibilita formas de interação entre o pesquisador e os sujeitos, permitindo uma abordagem pessoal e abrindo fontes de informação que nenhuma outra técnica tornaria possível" (EZPELETA, 1989, p.83).

Teve a recolha e o levantamento dos dados realizados no contexto das aulas de artes, tendo como público-alvo os estudantes regularmente matriculados nos 9º anos do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Com faixa etária

média entre 14 e 15 anos, os estudantes foram participantes e informantes, durante os meses de agosto a dezembro de 2010.

Participaram da pesquisa 84 alunos e alunas, divididos em três turmas mistas de 28 alunos cada. As aulas aconteceram, geralmente, na sala de artes, um local ambientado especificamente para as aulas da disciplina.

As aulas foram realizadas no turno da manhã com um encontro semanal de 50 minutos e numa sala composta de 8 mesas com 4 cadeiras cada uma. Além do quadro de giz, estavam disponíveis um aparelho de TV, um DVD player, um videocassete, um projetor de multimídia com tela de projeção e aparelho de som com caixas acústicas. Em algumas ocasiões o professor fez uso de *notebook* próprio.



Figura 14- Sala ambiente de artes

O mobiliário da sala permitia diversas configurações para trabalhos individuais e coletivos com limite de 8 grupos por turma e também outra disposição com cadeiras lado a lado, em formato de auditório, direcionadas para a tela de projeção.

Os alunos tiveram à sua disposição um computador que serviu como "ilha de edição", que oferecia o *Windows Movie Maker*¹¹ como programa para a edição de áudio e vídeo. A escola também possui uma câmera filmadora digital em miniDV (do tipo *handcam*) que foi disponibilizada para este projeto.

¹¹ O Windows Movie Maker é um programa com recursos básicos para edição em áudio e vídeo contido em todo computador com sistema operacional Windows.

2.3- Recolha de dados

2.3.1- Procedimento de recolha de dados:

Nesta fase da pesquisa os dados e os materiais documentais da experiência didática em questão foram registrados por meio fotográfico, gravação em áudio e vídeo, diário de bordo e notas de campo. Foram feitas anotações a partir dos debates e demais atividades promovidos em sala de aula e preenchidos relatórios pelo grupo de alunos/informantes ao longo do processo de criação e produção de curtas metragens e, posteriormente, feitas análises interpretativas da produção fílmica realizada pelos mesmos.

Estes dados serviram como fonte para a análise do potencial pedagógico da linguagem cinematográfica e as tecnologias implicadas neste processo no âmbito escolar e para levantar as dificuldades, acertos e erros, problemas e estratégias que viabilizem uma aprendizagem significativa em Artes que alie Cinema e Educação.

Cada aluno fez uso de um caderno pessoal de anotações (conhecido pelo grupo como "diário") onde registrou as informações apresentadas e discutidas nos encontros, mas, principalmente, suas conclusões, opiniões, dúvidas, dificuldades, descobertas, experiências nas aulas ou relacionadas a elas, curiosidades, relatos ou notícias recolhidas em jornais, revistas, televisão etc. Consignou, ainda, qualquer outro assunto que tenha julgado pertinente para as discussões em aula ou para o trabalho específico de seu grupo. Os alunos foram incentivados a partilharem as informações deste diário com a turma, mas podiam optar por não fazê-lo ou fazê-lo somente com os membros de seu grupo. O "diário" foi examinado pelo professor periodicamente, sempre que uma etapa se concluía ou quando se julgou necessário ao longo do processo.

O material coletado para "filmar" este novo episódio e que serviu como fontes de análise se compõe de dois filmes produzidos pelos alunos (filme inicial e filme final), um relatório inicial realizado após a produção do primeiro filme, um relatório final realizado após a produção do segundo filme, ambos impregnados dos testemunhos dos sujeitos da ação.

Ainda para análise, os depoimentos sobre o processo vivenciados pelo grupo pesquisado constituídos pelas anotações nos diários de bordo preenchidos pelos alunos-informantes e pelas notas de campo realizadas pelo professor-pesquisador.

2.3.2- Ferramentas

1- Filmes

Foram produzidos dois filmes. Um no início e outro no final do processo de experimentação e estudos da linguagem audiovisual.

O primeiro filme foi realizado sem que os alunos recebessem nenhuma informação sobre os elementos da linguagem cinematográfica e demais recursos de filmagem e edição. O objetivo com essa produção, sem informações adicionais, era o de levantar os conhecimentos prévios dos alunos. O filme foi realizado no período de três semanas.

O segundo filme foi produzido ao final do processo de estudo, discussão e experimentação da linguagem cinematográfica, dos recursos técnicos e tecnológicos sobre filmagem e edição. A trajetória de produção foi dividida em etapas e realizada em 10 semanas.

Os dois filmes produzidos pelos alunos foram as fontes de análise que serviram de fundamento ou ponto de partida. O confronto entre as duas produções, concentrando a atenção na utilização da linguagem permite uma comparação entre os dois produtos visando verificar a validade do processo.

2- Relatórios de produção

Para cada um dos filmes produzidos os alunos preencheram um relatório de produção. Para que os relatórios fossem abrangentes e contivessem um grande número de informações para análise, ele foi apresentado aos alunos/informantes contendo vários tópicos, em forma de questões abertas.

A comparação dos dois relatórios entre si e relacionando-os com as análises dos filmes produzidos indicaram algumas nuances do processo vivenciado pelos alunos com a linguagem cinematográfica.

3- Diários de bordo

Os alunos possuíam um "diário" onde anotavam os conteúdos trabalhados em sala de aula, suas dúvidas e experiências, suas sensações e descobertas diante da produção diária e

outras contribuições. Especialmente, faziam registro das escolhas e discussões ocorridas no seu grupo de trabalho.

Estas notas somaram-se para complementar a análise, permitindo aprofundar as análises a partir de informações mais detalhadas.

4- Notas de campo

A partir da observação-participante, o professor/pesquisador registrou cada um dos encontros com notas de campo e, em algumas ocasiões, com registro ilustrado em áudio e vídeo. Estas notas descreveram o que foi realizado em aula no que diz respeito aos conteúdos trabalhados e às atividades propostas em sala de aula, bem como, ao que foi observado pelo pesquisador sobre comportamentos, comentários e atitudes dos alunos diante dos processos de criação com a linguagem cinematográfica e a produção fílmica.

2.3.3- Categorias de análise

As análises foram feitas comparando o "filme inicial" com o "filme final" e buscando subsídios para esta análise nos relatórios de produção, nas notas de campo e nos diários de bordo. Foram levadas em conta para análise, a compreensão e a expressão através dos códigos da linguagem cinematográfica. Entre os elementos de filmagem e de edição analisados estão os planos de enquadramento, ângulos, movimentos de câmera, iluminação, som direto, montagem das cenas, cortes, transições e sonoplastia.

O conhecimento do caminho percorrido pelos grupos de alunos a partir da escolha do tema, organização do roteiro e das demais etapas também contribuíram para a análise.

2.4- Cronograma de atividades

O campo empírico desta pesquisa aconteceu entre os meses de agosto a dezembro de 2010 e a coleta de dados foi registrada através, do que no cinema é chamado de ação direta¹², ou seja, a partir do seguinte cronograma:

¹² Roteiro que obedece à ordem cronológica

Data	Conteúdo	Atividade
05/08	Histórico	Exposição oral
12/08	Histórico	Exposição oral
	Histórico	Confecção do teatro de sombras
	Produção filme	Proposta de criação de filme em curta metragem em grupo - "filmes iniciais"
19/08	Histórico	Confecção do taumatrópio
26/08	Histórico	Apresentação dos trabalhos de teatro de sombras e taumatrópio
02/09	Produção filme	Entrega dos "filmes iniciais"
	Relatório de produção	Preenchimento dos "relatórios de produção iniciais"
09/09	Produção filme	Exibição dos "filmes iniciais" produzidos pelos alunos com discussão sobre produção e resultados
16/09	Linguagem cinematográfica	Planos de enquadramento
	Produção filme	Proposta de criação de filme em curta metragem em grupo - "filmes finais"
23/09	Linguagem cinematográfica	Ângulos de câmera e Movimentos de câmera
	Produção filme	Definição do tema e criação do argumento
30/09	Linguagem cinematográfica	Plano sequência, elipse, câmera subjetiva e câmera sobre o ombro
		Elementos sonoros - diálogos, trilha e som ambiente
	Análise filmica	Exibição de filmes e discussão sobre os elementos da linguagem cinematográfica
	Produção filme	Confecção do roteiro
07/10	Análise filmica	Exibição de filmes e discussão sobre as possibilidades temáticas
21 e 28/10	Produção filme	Decupagem
	Análise filmica	Exibição de filmes e discussão sobre construção do enredo
04/11	Linguagem cinematográfica	Elementos básicos da edição - corte, montagem e transição
	Produção filme	Filmagem
11/11	Linguagem cinematográfica	Elementos básicos da edição de áudio

18/11	Análise fílmica	Exibição de filmes e discussão sobre construção do enredo
	Produção filme	Edição
25/11	Análise fílmica	Exibição de filmes e discussão sobre os elementos da edição
02/12	Relatório de produção	Entrega dos "filmes finais" Preenchimento dos "relatórios de produção finais"
09/12	Produção filme	Exibição dos "filmes finais" produzidos pelos alunos com discussão sobre produção e resultados

2.5- Detalhamento das atividades do campo empírico

2.5.1- História da apropriação da imagem em movimento pela humanidade

O processo teve início com uma visão histórica sobre a experimentação humana em relação ao domínio da imagem em movimento. Esse panorama se efetivou com uma parte teórica e outra prática.

Na primeira, o alunado tomou conhecimento das manifestações e dos aparatos que foram usados com a finalidade de apropriação da imagem em movimento, anteriores ao cinema, sua cronologia e as consequências no contexto sócio-cultural em que surgiram.



Figura 15- Apresentação do teatro de sombras

Na segunda parte, produziram e experimentaram na sala de aula alguns destes aparelhos ou atividades, mais especificamente, o teatro de sombras¹³ e o taumatrópio¹⁴.

O término dessa etapa histórica culminou com a exibição, para toda a turma, das produções individuais dos alunos e foi feito o registro em áudio e vídeo. Essa etapa histórica teve o propósito de introduzir o assunto, despertar o interesse pela imagem em movimento e motivar os alunos para a busca de informações sobre o tema.

2.5.2- A linguagem cinematográfica

Estágio 1- Produção do "filme inicial"

Foi proposto aos alunos que formassem grupos de trabalho, podendo variar entre três a seis participantes em cada grupo, para produzirem um primeiro filme em curta metragem. Para esta produção não foram dadas quaisquer tipos de instruções técnicas sobre filmagem e edição, já que a finalidade era levantar os conhecimentos ordinários que os alunos traziam de

¹³ Arte milenar de origem chinesa em que sombras de silhuetas de figuras humanas, animais e objetos recortados em papel, são projetadas em uma tela branca. As histórias são construídas conforme as sombras se movem.

¹⁴ Aparelho ótico que consiste em um disco com uma imagem diferente em cada lado e um cordel preso a cada extremidade de um diâmetro deste disco. Ao rodar o disco através dos cordéis, as duas imagens se sobrepõem e aparentam se fundir em uma só. A invenção do taumatrópio teve como objetivo demonstrar o fenômeno ótico da "persistência retiniana".

sua vivência com o uso das tecnologias específicas e com o mundo das imagens em movimento.

Estágio 2- "Relatório de produção inicial"

Junto com o filme os alunos preencheram um relatório. O relatório em forma de questionário (ver anexo I) para fazer um levantamento de como a temática do filme foi escolhida, dificuldades, facilidades, dúvidas, descobertas, equipamentos utilizados, a participação e as funções desempenhadas por cada membro do grupo entre outras informações.

Estágio 3- Exibição dos filmes

O passo seguinte foi a exibição dos filmes para toda a turma e uma discussão sobre a produção de cada grupo, ou seja, o processo de realização do filme e os resultados obtidos.



Figura 16- Exibição e análise dos filmes

Estágio 4- Elementos da linguagem cinematográfica

Na sequência foram apresentados os elementos da linguagem cinematográfica. Com auxílio de uma filmadora conectada ao projetor de multimídia que ampliou, na tela de

projeção, as imagens captadas pela filmadora e que puderam ser visualizadas por toda a turma, foram mostrados, ao longo de duas aulas, os seguintes elementos da linguagem cinematográfica:

- planos de enquadramento: Plano geral, plano inteiro, plano americano, plano médio, primeiro plano, close e plano de detalhe.
- movimentos de câmera: Travelling, panorâmico, tilt e zoom
- ângulos de câmera: Normal, plongée e contra-plongée



Figura 17- Aula teórico-prática sobre os elementos da linguagem cinematográfica

Foram mostradas e discutidas, também, algumas situações em que se utilizam cada um desses elementos. Os alunos tiveram acesso a informações sobre plano sequência¹⁵, câmera subjetiva¹⁶ e câmera sobre o ombro. Puderam, ainda, manusear a câmera filmadora e verificar simultaneamente o efeito visual obtido na imagem projetada no momento da realização da mesma. Nas aulas subsequentes foram apresentados e discutidos outros elementos e recursos da linguagem cinematográfica como cores, iluminação, narração, bem como os elementos de áudio e de edição.

¹⁵ Toda a sequência é rodada em um único plano, ou seja, não existe corte ao longo de toda a sequência podendo, inclusive, acontecer deslocamento da câmera para acompanhar o foco dramático.

¹⁶ Quando a câmera mostra o ponto de vista do ator, geralmente revelando algum deslocamento da personagem.

Estágio 5- Exercício do olhar em análise filmica

Paralelamente, ao longo de todo o processo, os alunos puderam assistir e debater filmes em curta metragem e cenas de filmes do circuito comercial, selecionados pelo professor, com diferentes recursos cinematográficos.

Todos os filmes serviram como base para análise dos planos de enquadramento, dos ângulos e movimentos de câmera como elementos da linguagem cinematográfica, em especial os curtas "O trabalho dos homens" (Fernando Bonassi) e "Tipos intrometidos" (Fábio Durand).

Os demais elementos da linguagem cinematográfica como a criação do argumento e do roteiro foram discutidos a partir de filmes como "Barbosa" (Jorge Furtado e Ana Luiza Azevedo), "A história real" (Andrea Pasquini), "O dia em que Dorival encarou a guarda" (Jorge Furtado e José Pedro Goulart) e "O sanduíche" (Jorge Furtado). Esses filmes também contribuíram para debater sobre a edição. O plano sequência e o uso da cor foram debatidos, respectivamente, a partir dos curtas "Todo dia todo" (Flávio Frederico) e "Dois em um" (Luis Carlos Soares), entre outros.

Os alunos foram incentivados em seus "diários" a "traduzir" em palavras o que experimentaram a partir das imagens e sons assistidos, identificando os elementos da linguagem cinematográfica e relacionando a estes elementos, as intenções de comunicação, as mensagens presentes nas cenas apresentadas, a forma como os diretores realizaram essa comunicação e a dinâmica dada às cenas. É um momento de extrema importância para o processo, pois foi possível consignar quais conhecimentos foram assimilados pelos alunos sobre a linguagem cinematográfica e sua aplicabilidade, objetivo primeiro dessa pesquisa.

Estágio 6- Produção de filme

Como passo seguinte, foi proposta a produção de um novo filme de curta metragem com os alunos reunidos em grupos. Neste filme, diferente do primeiro, os alunos tiveram acesso aos elementos da linguagem cinematográfica e seguiram tendo outras informações complementares ao longo do processo para a construção do referido filme.

A produção ocorreu num processo contínuo, mas divididos didaticamente em etapas estabelecidas pelo professor de forma a simular o processo de produção de filmes comerciais

(excetuando a etapa de captação de recursos), para que cada passo ficasse registrado de forma mais clara para os alunos.

Neste processo, realizado em sua maior parte em sala de aula, os grupos de alunos discutiram dentro do próprio grupo e com o professor a fim de definirem as melhores soluções para a própria produção.

O papel do professor foi de orientar, colaborar e, até, sugerir alternativas diante da proposta do grupo e dos recursos técnicos disponíveis, mas a autonomia do grupo nas decisões preponderou e foi fundamental no processo.



Figura 18- Discussões em grupo com o professor

Todo o processo, a partir daqui, transcorreu com base na discussão e na reflexão que permitiu aliar o que se pretende dizer por meio de um filme em curta-metragem, os recursos tecnológicos disponíveis e os recursos que a linguagem do cinema oferece, nas etapas descritas abaixo:

1- ARGUMENTO teve início com as discussões preliminares sobre o assunto a ser escolhido como temática do filme em cada grupo. É a fase em que se elege o sumário inicial da história, dando ênfase às motivações dos personagens e aspectos gerais do enredo. Serve como base para o desenvolvimento do roteiro. Ao estabelecer o argumento define-se a idéia básica, ou seja, o assunto ou o tema que se quer comunicar e com que ponto de vista. Nesta

etapa os alunos definiram a temática a ser trabalhada e estabeleceram, em linhas gerais, a história. (É importante não apenas para estabelecer o ponto de partida da narrativa, mas para que todos os membros do grupo se familiarizem com o tema e as bases da história)

2- Confecção do ROTEIRO visa a desenvolver o conteúdo dramático do argumento, a contar a história já com as seqüências e a descrever as cenas com os diálogos que a compõem. Traz, com seu detalhamento, a unidade, a coerência e a tensão dramática da história. O desenvolvimento do roteiro exige discussões sobre como melhor adequar as características das personagens, os diálogos, os ambientes onde as cenas ocorrem, os aspectos sócio-culturais, o conteúdo diegético, além de estabelecer a linha do tempo (mesmo que seja contínua ou em uma cronologia linear) para a narrativa da história.



Figura 19- Etapa da confecção de roteiro

3- DECUPAGEM que consistiu em “traduzir” o roteiro para a linguagem cinematográfica. Nesta etapa o foco concentrou-se no como contar a história estabelecida através de imagens e sons? O roteiro foi revisto inserindo aspectos como iluminação, tipos de plano, tomadas de cena, enquadramentos, ângulos e movimentos de câmera, fundo musical (trilha sonora) ou efeitos sonoros etc. Aqui foram feitas as escolhas de cenários, figurinos, adereços, maquilagem e os demais aspectos da "produção de arte".

Durante as três primeiras etapas os alunos tiveram acesso a filmes em curta metragem e/ou cenas de filmes em longa metragem para ilustrar e enriquecer as discussões das aulas e elaborar o conhecimento da linguagem cinematográfica e sua utilização.

4- A PRODUÇÃO possibilita a realização do filme no seu aspecto material, ou seja, cabe à produção obter todos os objetos de cena que serão utilizados, figurinos, maquilagem, cenários, enfim todo o conjunto de materiais necessários para realizar o que foi estabelecido no roteiro.

5- A FILMAGEM é a etapa onde se registra em áudio e vídeo as ações dos atores e todos os demais planejamentos feitos nas etapas anteriores, em especial as de criação do roteiro e a decupagem.

As etapas de produção e filmagem aconteceram quase simultaneamente, pois a etapa de produção reuniu os elementos de cenário, figurino, os adereços de cena que foram usados na filmagem.

6- A EDIÇÃO tem como funções definir a dinâmica do filme por meio do ritmo e ordenação das cenas, inserir a trilha sonora e equalizar o conjunto audiovisual. Para tanto foram dadas aulas com um computador acoplado ao projetor de multimídia onde foi possível exemplificar e visualizar na tela de projeção, os comandos básicos da edição e algumas outras orientações a partir do já mencionado *Windows Movie Maker*. Até a conclusão da edição, as discussões aconteceram internamente entre os membros de cada grupo e o professor.

7- EXIBIÇÃO do filme produzido para toda a turma com espaço para que os alunos se pronunciassem sobre as próprias produções e a de seus colegas.



Figura 20- Sessão de exibição dos filmes

Estágio 7- Relatório de produção final

Junto com a versão final do filme, cada aluno preencheu um novo relatório (ver anexo II), em forma de pergunta e resposta. Os alunos puderam destacar seu ponto de vista sobre a produção em cada uma das etapas, a sua experiência com os códigos do cinema, as dificuldades vivenciadas, os recursos tecnológicos utilizados, enfim, sua experiência em expressar-se com um produto audiovisual fazendo uso de uma linguagem cinematográfica. Os alunos tiveram espaço, ainda, para fazer comparações, por escrito ou de maneira oral, entre os dois filmes produzidos por eles, no que diz respeito tanto ao processo quanto ao resultado.

Capítulo 3

ILHA DE EDIÇÃO: HORA DE REVER AS CENAS

3- ILHA DE EDIÇÃO: HORA DE REVER AS CENAS

Depois de vivenciar todo o processo em sala de aula onde o roteiro desta pesquisa foi escrito e realizado sob a direção do professor-pesquisador e com a participação de um grande elenco composto pelos alunos participantes e informantes, é chegada a hora da pós-produção¹⁷ quando o filme será editado e chegaremos a uma versão final.

Na edição de um filme, trechos são selecionados e organizados para que se possa melhor narrar a história permitindo que as informações sejam conhecidas pelos espectadores dentro de uma lógica estabelecida pelo diretor. Da mesma forma, seguindo esse raciocínio, a narrativa desta pesquisa, que tem como foco a linguagem cinematográfica trabalhada em sala de aula na vertente da produção de curta metragens pelos alunos, foram selecionados os estudos do próprio cinema e, de forma mais ampla, os da área do conhecimento arte, como referenciais para as análises.

Estas opções são decorrentes do fato de que o campo de pesquisa sobre a produção de filmes e sua aplicação nos contextos de sala de aula é, ainda, incipiente. Milton José Almeida (2004), Rosália Duarte (2002), entre outros tem discutido a questão de forma teórica sobre a importância e necessidade da alfabetização e domínio do fazer (produção) audiovisual na escola. No entanto, não foram encontradas pesquisas de caráter empírico que atestem tal importância, o que se presta essa dissertação.

Este filme tem início com um grupo de alunos discutindo com seu professor e buscando uma definição para a palavra "cinema". Ao se depararem com o fato de que o termo foi originado do grego e, em sua origem, traduzia-se como "movimento", estes alunos acabam por perceber que hoje ele tem uma significação diversa e complexa. Diz respeito desde o local onde se exibem as películas cinematográficas, como também constitui-se no processo de produção de filmes. É, ainda, uma manifestação artística e cultural, que resulta em uma das mais jovens linguagens artísticas, conhecida também como a sétima arte¹⁸.

¹⁷ Pós-produção é parte do processo de realização cinematográfica que abrange a montagem e a finalização do vídeo, onde "todas as partes gravadas são reunidas e o roteiro se concretiza sonora e visualmente" (MOLETTA, 2009)

¹⁸ O termo "sétima arte" foi usado pela primeira vez em um artigo intitulado "Manifesto das sete artes" escrito, em 1911, pelo teórico italiano Ricciotto Canudo (1879-1923) e publicado, em 1923, referindo-se ao cinema.

A partir das duas últimas definições que envolvem os códigos utilizados pelo cinema e o processo de produção cinematográfico em si que as análises serão conduzidas.



Figura 21- Aula sobre cinema e seu contexto histórico

Na busca de entender melhor todos estes significados, foram apresentadas, durante as aulas (ver cronograma páginas 38 e 39), informações e narrativas de fatos sobre a busca incessante do ser humano pelo domínio das representações gráficas do movimento ao longo dos tempos, das descobertas e dos aparelhos óticos precursores do cinema, que conduziram ao seu surgimento no final do século XIX. Esta etapa histórica foi apresentada de maneira teórica e sistematizada cronologicamente, porém foi entremeada por duas produções realizadas pelos alunos tomando como referência dois aparatos considerados predecessores do cinema. Foram eles: o teatro de sombras¹⁹ de origem chinesa e o taumatrópio²⁰.

A aproximação com dois predecessores do cinema teve como objetivo contextualizar o surgimento do cinema e, em especial, destacar o permanente interesse da humanidade pelo domínio da imagem em movimento. Também serviu como elemento introdutório e motivador para os alunos nas incursões à linguagem cinematográfica com vistas à produção de curtas metragens.

¹⁹ O Teatro de sombras é a manifestação da projeção de imagens em movimento mais antiga registrada pela humanidade.

²⁰ Aparelho ótico que teve como objetivo justificar o fenômeno da "persistência retiniana" ao fundir, no olho humano, duas imagens distintas como sendo apenas uma. Foi criado por John Ayron Paris (1785-1856) entre 1824 e 1827.

Em seguida, os estudos da linguagem cinematográfica tiveram sua continuidade com a produção de filmes em curta metragem, aqui chamados de "filmes iniciais", sendo um filme criado por cada grupo de alunos.

Com a entrega dos "filmes iniciais", foi solicitado um relatório de produção realizado individualmente e aqui identificado como "relatórios iniciais" (anexo I).

Na sequência foram exibidos os "filmes iniciais" e promovidos debates e discussões sobre os resultados obtidos nos vídeos e sobre a realização dos mesmos, em especial, as dificuldades encontradas durante as etapas de definição e registro da história, da filmagem e da edição.

A partir das análises e discussões feitas em sala, foi constatado que faltaram alguns elementos e conhecimentos sobre cinema que permitiriam alcançar resultados mais significativos, dinâmicos, criativos, com características próprias dos alunos adolescentes e uma fatura mais "profissional"²¹.

Levando em conta as demandas geradas pelos alunos e que "o processo de produção de um filme passa pela capacidade de domínio e controle de diversas técnicas" (COSTA, 1989: 166), no transcorrer das aulas teóricas e práticas, foram sendo submetidos ao grupo alguns elementos da linguagem cinematográfica, recursos tecnológicos disponíveis e conhecimentos sobre o processo de produção. Os debates sobre as formas de utilização dos códigos audiovisuais sucediam sua exposição teórica, inclusive em aulas que havia as exibições de filmes onde os elementos eram resgatados e reconhecidos nas imagens projetadas.

No final do estudo sobre os recursos cinematográficos acima citados, foi proposto que os alunos criassem um segundo filme ("filmes finais"). Nesta produção os alunos foram orientados a percorrerem as várias etapas do processo e os filmes apresentados foram acompanhados de "relatórios finais" (anexo II) sobre essa nova produção.

²¹ Termo usado por alguns alunos ao analisarem a produção inicial tendo como referência a qualidade do produto fílmico.



Figura 22- Etapa de definição do argumento ("filme final")

A comparação entre a "produção inicial" e a "produção final" dos alunos é a base para as análises desta pesquisa.

Esta pesquisa, portanto, ao fazer uma análise comparativa entre a produção efetuada no começo do processo (filme inicial e relatório inicial) e a produção final (filme final e relatório final), a última realizada após o ciclo de estudos específicos sobre a linguagem cinematográfica, pretende apontar a relevância deste ciclo de estudos como eficaz recurso pedagógico nas aulas de artes que tenham o cinema como modalidade de ensino.

3.1- Critérios/ Variáveis

Alguns critérios que serão utilizados nessa análise dos trabalhos realizados dizem respeito à imagem, som, filmagem, edição, temática e a pré-produção. Para tanto foram estabelecidas 19 categorias de análise (ver tabela 2 - p. 56 e 57)

Além das informações acima que visam destacar a utilização dos elementos da linguagem cinematográfica, outras informações foram trazidas à discussão como (1.) a organização do grupo durante as etapas da produção, (2.) o enredo de cada história, suas características narrativas, seus aspectos diegéticos, (3.) os conhecimentos sobre equipamentos utilizados e (4.) o desempenho no uso dos programas de edição e demais tecnologias.

As categorias de análise referentes às imagens permitiram examinar os aspectos visuais no tocante (1.) à sua qualidade, (2.) a forma de obtenção, (3.) a habilidade na utilização das tecnologias e (4.) assimilação dos elementos de caráter imagético da linguagem do cinema.

Em relação aos aspectos de áudio, além da qualidade em sua captura e registro, foi possível levantar a utilização de elementos sonoros como forma narrativa.

Outros aspectos do enredo foram inventariados a partir de alguns dados da pré-produção, entre eles alguns presentes na confecção dos roteiros (literário e decupado), e da pós-produção, em especial a edição.



Figura 23- Discussões durante a etapa de decupagem

Vale ressaltar que as notas dos diários escritos pelo alunado e as notas de campo onde foram registrados os comentários realizados pelo grupo participante em relação à exibição também trouxeram algumas contribuições para a discussão proposta nesta pesquisa.

3.2- Levantamento dos dados

3.2.1- Filmes iniciais

A partir da proposta de realização de um filme em curta metragem, foram formados, nas três turmas, 20 grupos de trabalho compostos entre dois e seis membros em cada um, de acordo com a opção feita pelos próprios alunos e alunas.

Este produto audiovisual realizado pelos alunos não teve qualquer informação prévia nos aspectos técnicos e práticos para a execução da tarefa, cabendo a cada grupo de alunos definir sobre o tema do trabalho, o equipamento e demais opções de filmagem e edição. O intuito desta primeira etapa foi de verificar o domínio e/ou as competências que os alunos traziam sobre a linguagem cinematográfica e sua utilização na produção filmica, bem como quais conhecimentos tinham sobre as tecnologias utilizadas no processo.

Aos grupos que não tivessem equipamento foi dada a opção de uso do equipamento da escola (uma filmadora digital mini DV). Mas todos os grupos optaram pelo uso de equipamento próprio ou conseguido por empréstimo com os próprios colegas da turma.

Foram estabelecidas apenas duas condições na realização da tarefa: (1.) a data de entrega do filme com prazo de 3 semanas e (2.) o tipo de arquivo em que o vídeo deveria ser entregue (nas extensões .AVI ou .WMV).

Foram escolhidos estes tipos de arquivo para criar um padrão de produção e permitir a exibição dos filmes em sala de aula sem a necessidade de efetuar conversões dos arquivos. A maioria dos programas de edição de vídeo, incluindo o *Windows Movie Maker*²², oferece as opções de capturar, editar e salvar nestas duas extensões acima mencionadas.

Em relação à exibição, estes tipos de arquivo são veiculados com extrema facilidade na grande maioria dos equipamentos e programas disponíveis, seja a partir do computador através dos diversos programas, incluindo o *Windows Media Player*²³, seja nos aparelhos de DVD.

Dos 20 grupos inicialmente formados, 16 trabalhos foram entregues, sendo 14 dentro do prazo estabelecido e 2 com uma semana de atraso por dificuldades na edição.

²² *Windows Movie Maker* é um programa bastante acessível aos alunos e demais usuários por fazer parte do conjunto de programas que compõem o Office, ou seja, está disponível aos usuários dos computadores que possuam o sistema operacional Windows.

²³ *Windows Media Player* é um programa de exibição de áudio e vídeo pertencente ao mesmo pacote do Office e, portanto, está disponível para os usuários do Windows.



De volta à infância



Os psicopatas

Figura 24 e 25- Cenas dos "filmes iniciais"

Abaixo (tabela 1) a relação dos grupos com título dos respectivos filmes, número de participantes, tipo de equipamento utilizado nas filmagens e programa utilizado na edição pela equipe.

Grupo	Título dos filmes iniciais	Participantes	equipamento filmagem	programa de edição
1	O assassinato	4	Câmera fotográfica	Nero
2	Rocky father	5	Câmera fotográfica	WMV
3	Smile	2	Câmera fotográfica	WMV
4	O processo de independência do Brasil	2	Câmera fotográfica	WMV
5	Trabalho de artes (não apresentou título)	5	Câmera fotográfica	WMV
6	Você entende	4	Câmera fotográfica	WMV
7	Acontecimentos sobrenaturais	3	Câmera fotográfica	WMV
8	A corrida	2	Câmera fotográfica	WMV
9	O fim está próximo	5	Câmera fotográfica	WMV
10	Jogo dos espíritos	5	Câmera fotográfica	WMV
11	Deu a louca na Mônica	6	Câmera fotográfica	WMV
12	De volta à infância	6	Câmera fotográfica	WMV
13	O segredo do parquinho	5	Câmera fotográfica	WMV
14	Os psicopatas	6	Câmera fotográfica	WMV
15	Caçadores de demônio	6	Câmera fotográfica	WMV
16	Show de talentos	5	Celular	não editou

Tabela 1 - Relação dos filmes iniciais

Numa análise quantitativa, é possível, ainda, acrescentar que entre os quatro grupos que não conseguiram concluir a tarefa:

- um grupo teve dificuldade na gravação das imagens,
- um grupo não conseguiu transferir o filme da câmera para a plataforma do programa de edição,
- dois grupos concluíram as filmagens, mas não souberam finalizar o filme através dos comandos do programa de edição (*Windows Movie Maker*).

Os 16 "filmes iniciais" foram submetidos a uma análise/avaliação criteriosa a partir de 19 categorias estabelecidas. Tais categorias foram avaliadas a partir de duas ou três variáveis de análise, de acordo com as especificidades da categoria. Cada um dos grupos relacionados na tabela 2 segue a numeração de referência definida na tabela 1.

Categorias de análise	Variáveis	Grupos																Total	
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16		
Estabilidade	câmera na mão	X	X		X			X		X	X	X			X	X	X		10
	câmera fixa			X		X	X		X				X	X					6
Luminosidade	Escura	X				X		X		X	X			X	X	X			8
	Ok		X	X	X		X		X				X					X	7
	Excesso de luz												X						1
Cor	Cor	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X			X	X	X		13
	BP			X										X					2
	Ambos												X						1
Posição	Ok		X	X	X		X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	13
	90°	X				X		X											3
Sequência	Plano único	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X			X	X	14
	Vários planos												X		X				2
Ângulos	Único	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			X	X	15
	Varição														X				1
Movimentos de câmera	Sim												X						1
	Não	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	15
Volume	Ok	X	X							X	X				X	X	X		7
	Baixo				X	X	X	X		X				X					6
	Sem áudio			X					X				X						3
Som ambiente	Ruído		X			X		X		X	X	X					X	X	8
	Som limpo	X			X		X							X	X				5
	Sem áudio			X					X				X						3
Sonoplastia	Sim																		0
	Não	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	16
Trilha sonora	Sim		X	X				X		X		X				X			6
	Não	X			X	X	X	X		X		X		X	X			X	10
Abertura	Sim		X			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			12
	Não	X		X	X	X												X	4
Ficha técnica	Sim						X	X	X	X	X	X			X	X			9
	Não	X	X	X	X	X								X				X	7
Plano bruto	Sim	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X		X			X	X	13
	Não												X		X				2
Vários planos	Sim												X		X				2
	Não	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X		X	X	X	14
elipses temporais	Sim												X		X				2
	Não	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X		X	X	X	14
Diálogos	Elaborado												X						1
	Improviso		X			X	X			X				X	X	X	X		8
	sem diálogos	X		X				X	X		X		X						6

Figurino	Pensado	X			X	X			X	X			X				6
	não pensado			X	X		X					X	X		X		7
	Improviso		X													X	2
Cenário	Pensado			X		X		X	X		X	X	X				8
	não pensado	X			X		X								X		5
	Improviso		X								X					X	3

Tabela 2 - Levantamento de dados dos filmes iniciais

Ainda numa análise quantitativa, dos 16 trabalhos concluídos:

- 13 grupos utilizaram um único plano bruto como forma narrativa,
- dois grupos construíram suas histórias a partir da sequência com várias cenas,
- um grupo produziu seu trabalho em *stop motion*²⁴ em sequência única.

Em relação ao equipamento utilizado na captura das imagens:

- 15 grupos utilizaram a câmera fotográfica com recurso de filmagem,
- um grupo fez o registro a partir de celular.

Quanto à captação das imagens:

- cinco grupos utilizaram a câmera apoiada sobre alguma superfície obtendo as imagens fixas,
- 10 grupos usaram a câmera na mão resultando em imagens tremidas ou com alguma instabilidade,
- um grupo alternou o registro parcialmente com a câmera fixa e em outros momentos com a câmera na mão.

Vale mencionar que ao realizarem a filmagem das cenas, três dos 16 grupos utilizaram a câmera numa posição tal que as imagens foram apresentadas "deitadas" (a 90° do plano de visão) no trabalho produzido.

Sobre a edição:

- 14 grupos apresentaram um plano único
- apenas dois grupos compuseram a narrativa com vários planos
- nove grupos apresentaram a ficha técnica com identificação dos componentes da equipe

²⁴ *Stop motion* é uma técnica de animação que utiliza uma sequência de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular o movimento. O objeto é registrado fotograma por fotograma com uma pequena mudança de posição entre cada um.

- seis grupos utilizaram trilha sonora

Sobre a temática:

- quatro filmes não apresentaram uma história e sim simularam programas de auditório
- um grupo apresentou um relato histórico como um trabalho didático,
- sete filmes em que personagem (humano ou espírito) promove mortes em série,
- um filme buscou reproduzir uma cena de um filme,
- três filmes com histórias estabelecidas pelo próprio grupo.



Deu a louca na Mônica



O assassinato

Figura 26 e 27- Cenas dos "filmes iniciais"

Elementos como a iluminação e o áudio:

- sete com luminosidade boa
- oito filmes escuros
- um com excesso de luz
- cinco filmes com som ambiente bom,
- 11 com muito ruído ou som baixo,

Enquadramento:

- todos os filmes apresentaram um único plano de enquadramento que variou, em cada grupo, entre o plano médio, o plano americano e o plano inteiro.

3.2.2- Relatórios das produções iniciais

Na entrega dos filmes iniciais, os alunos preencheram um relatório onde puderam relacionar, descrever e analisar o que realizaram. Este "relatório inicial" (anexo I) também

serviu como fonte de dados para uma aproximação dos procedimentos (forma de trabalho) de cada grupo de alunos, suas escolhas e os caminhos percorridos na execução da tarefa.

Somente após o preenchimento deste relatório é que foram feitas as exibições dos filmes e realizada as discussões sobre as propostas, os recursos e as forma das produções dos estudantes.



Figura 28- Relatório de produção

O gênero (terror, suspense ou comédia) foi o critério prioritário na escolha do filme para nove grupos. A escolha do tema ou do enredo dos filmes produzidos pelos alunos sofreu influência de filmes, seriados ou programas de TV, segundo o relatório, para 13 dos 16 grupos.

As maiores dificuldades encontradas pelos alunos no momento da filmagem aconteceram pela falta de organização, além do fato de apenas um grupo ter produzido o roteiro com diálogos. Alguns comentários dos alunos corroboram essa afirmativa:

- Tivemos que gravar várias vezes porque a gente não sabia o que falar e errava toda hora.
- A gente perdeu muito tempo escolhendo onde a câmera ia ficar pra filmar.
- Na hora de filmar cada um dava uma opinião e a gente demorava muito pra decidir.
- Ninguém decorou o texto e a gente ria toda hora. (Ninguém decorou o texto porque não foram escritos os diálogos dos personagens) entre parênteses comentário do autor.
- Teve muito improviso.

Dos 16 grupos que concluíram a tarefa, apenas três filmes tiveram a edição feita com a participação de todos os membros do grupo. Dos demais, nove grupos elegeram um de seus membros para pesquisar o uso do *Windows Movie Maker* e realizar a edição individualmente e quatro grupos entregaram as filmagens sem passar por edição (três grupos filmaram em plano único e um grupo entregou as várias cenas separadas). Sendo assim, 21 alunos tiveram acesso aos recursos de edição. Os 63 alunos que não participaram da edição em seus grupos, declararam não saber utilizar o programa de edição. O que aponta que os conhecimentos sobre edição, indispensáveis na construção de um filme, não são assimilados empiricamente.

Após as sessões onde todos assistiram aos filmes, aconteceram discussões e seguem algumas manifestações expressas que mostram que apesar do resultado insatisfatório, das dificuldades em operar os equipamentos e os demais recursos tecnológicos, dos obstáculos impostos pela distância entre intenção e gesto no uso da linguagem audiovisual, os alunos perceberam com clareza que lhes faltavam algumas informações, competências e conhecimentos específicos:

- Não consegui fazer o filme como eu imaginei porque eu não soube filmar como eu imaginei.
- Se eu fosse fazer o mesmo filme eu faria várias coisas diferentes, mas eu acho que ia fazer um filme sobre outra coisa (referindo-se ao tema).
- Não sei explicar porque, mas os filmes podiam ter ficado melhores.
- É difícil fazer uma coisa ser saber direito, mas a turma curtiu experimentar.
- Vou procurar aprender a edição de filmes para melhorar da próxima vez.
- Uma coisa é ver filme sempre e outra coisa é fazer. Não tínhamos experiência e espero que tenha mais desse trabalho em grupo.
- Acho que da próxima vez devemos nos organizar mais.
- Nós não conseguimos passar toda a ideia que queríamos para o filme.
- Acho que tinha alguma coisa importante que não fizemos e que atrapalhou no resultado final.
- Fizemos como tínhamos pensado, mas não ficou como nós tínhamos pensado.

E a despeito das dificuldades e fragilidades assumidas pelo grupo na realização da tarefa, alguns manifestaram o gosto pelo cinema:

- Gostei desse tipo de trabalho e queria outros.
- Todos da turma curtiram em filmar as suas próprias ideias.

- Agora que acabou o trabalho a gente pensou numas ideias que "ia ser legal". Tomara que a gente possa fazer mais filmes.

3.2.3- Filmes finais

Para execução da proposta de produção de um novo filme após os estudos específicos sobre cinema (ver cronograma - p. 38 e 39) e seus signos, foram formadas, nas três turmas, 18 equipes de trabalho compostas por alunos na quantidade entre três e seis membros em cada grupo, a partir da opção realizada pelos próprios alunos e alunas.

Esta produção foi efetivada seguindo as sete etapas de produção e a partir dos estudos realizados sobre os elementos da linguagem cinematográfica, tudo isso com supervisão do professor. O percurso de todas as etapas foi realizado durante um período de 12 semanas com cronograma (anexo III) apresentado aos alunos no início do processo. A intenção foi a de exercitar a utilização da linguagem cinematográfica na produção de curta metragem e verificar o domínio desta forma de expressão tendo, agora, subsídios para a referida produção.



Figura 29- Etapa da filmagem

Foram estabelecidos como critérios para a execução desta tarefa o cumprimento dos prazos do cronograma estabelecido, a entrega nos mesmos tipos de arquivo do trabalho inicial

(.wmv ou .avi) e a participação efetiva de todos os membros do grupo nas discussões e ações para a realização do curta metragem.

O uso do tipo de equipamento permaneceu sendo de livre escolha de cada grupo e possibilitado o empréstimo da filmadora para os grupos que assim o quisessem. Seis grupos utilizaram a filmadora (mini DV) para a captura das imagens enquanto 12 grupos utilizaram equipamentos próprios que consistem em câmeras fotográficas digitais com recurso de captura de áudio e vídeo.



Passatempo



Danger days

Figura 30 e 31- Cenas dos "filmes finais"

Todos os 18 grupos formados entregaram o filme proposto sendo que 17 equipes concluíram seu vídeo no prazo estipulado e apenas um grupo apresentou o trabalho com uma semana de atraso e com a edição incompleta. O problema em questão foi a utilização de duas câmeras fotográficas distintas (diferentes marcas e diferentes tecnologias de gravação das imagens) para os registros das cenas e gerou dois tipos de arquivos não compatíveis entre si (.AVI e .MOV). O *Windows Movie Maker* não tinha recursos para compatibilizar os dois tipos de arquivos gerados pelas diferentes câmeras.

Abaixo a lista dos títulos dos "filmes finais", número de participantes em cada grupo, equipamentos utilizados na filmagem e programa de edição.

Grupo	Título dos filmes iniciais	Participantes	Equipamento filmagem	programa de edição
1	A caçada	3	Câmera fotográfica	WMM
2	A desculpa	5	Câmera fotográfica	WMM
3	As irmãs	3	Câmera fotográfica	WMM
4	Danger days	6	Câmera fotográfica	WMM
5	Debatendo com Clô	5	Filmadora	WMM
6	Lendas urbanas: a pervertida	6	Filmadora	WMM
7	Morte por encomenda	4	Câmera fotográfica	WMM
8	O dançarino	3	Câmera fotográfica	WMM
9	O dia que Don Juan foi pro brejo	4	Câmera fotográfica	WMM

Vários planos	Sim	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	16
	Não		X																	1
Elipses temporais	Sim		X	X	X		X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	14
	Não	X				X			X											3
Diálogos	elaborado			X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	14
	improvisado		X																	2
	sem diálogos	X			X															2
Figurino	elaborado	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	18
	casual																			0
	improvisado																			0
Cenário	elaborado	X		X	X			X		X		X	X	X	X	X	X	X	X	12
	casual		X				X													3
	improvisado					X			X	X										3

Tabela 4 - Levantamento dos dados dos filmes finais

Sobre a forma de obtenção da imagem:

- Três grupos usaram o equipamento na mão e obtiveram imagens com alguma instabilidade
- 15 grupos utilizaram o recurso do tripé ou apoio do equipamento em alguma estrutura em equilíbrio, gerando assim imagens estáveis.
- Apenas um grupo que utilizou equipamento fotográfico para a captura das imagens teve duas cenas dentro do filme gravadas com a câmera em posição que gerou imagens com 90° (deitada) em relação às demais cenas. Este grupo é o mesmo que no filme inicial não conseguiu concluir a etapa de filmagem.

Sobre os elementos de iluminação

- 15 grupos captaram as cenas com boa iluminação.
- Três grupos tiveram problemas de cenas com baixa luminosidade.

Sobre as imagens:

- Nenhuma equipe apresentou problema com a nitidez das imagens.
- Os vídeos foram produzidos no padrão colorido, sendo que um grupo apresentou cenas em branco e preto para fazer referência e destacar os momentos em que eram apresentadas as memórias do passado.

Captura do áudio:

- Dois filmes tiveram o som captado com baixo volume
- Dois não possuíam diálogos

- 14 filmes apresentaram o volume com boa qualidade.

Recursos de sonoplastia (trilha sonora):

- Três filmes não usaram trilha sonora
- 15 utilizaram este recurso (sendo quatro deles apenas na abertura e nos créditos finais e os demais 11 criando clima nas cenas ao longo do filme).
- Dois grupos utilizaram outros recursos de sonoplastia para compor o áudio de seus filmes.

Filmagem:

- Um trabalho foi apresentado em plano sequência
- 17 construíram as sequências com várias tomadas e vários planos.
- Todos os 18 grupos realizaram movimentos de câmera em suas produções.



Morte por encomenda



O dia que Don Juan foi pro brejo

Figura 32 e 33- Cena dos "filmes finais"

Ângulos de câmera

- 16 grupos utilizaram diferentes ângulos de câmera como dinâmica na sequência dos planos
- Dois grupos utilizaram um ângulo único.

Vale ainda mencionar que apenas dois grupos trabalharam as falas de forma improvisada, enquanto 14 tiveram os diálogos bem elaborados nos roteiros que foram cumpridos durante as filmagens. Os outros dois grupos, por opção, construíram histórias com ênfase na ação e sem diálogos.

Todos os 18 grupos tiveram uma atenção especial com o figurino.

Em relação aos cenários, 12 grupos escolheram boas locações para as filmagens, três grupos ambientaram suas histórias em cenários alternativos (que serviram para ambientar a história, mas sem uma pesquisa mais rigorosa) e outros três em lugares improvisados e sem mobiliário coerente com a narrativa a que se propuseram.

Os dados apresentados acima em comparação aos apresentados nos "filmes iniciais" apontam com clareza o crescimento no desempenho, na concepção, fruto do domínio da linguagem do cinema e das tecnologias, alcançados pelos grupos participantes.

3.2.4- Relatórios de produção finais

Os relatórios finais (anexo II) foram preenchidos na entrega dos filmes finais, antes de sua exibição para a turma.

Os alunos declararam terem constatado uma nítida melhoria na qualidade, tanto da riqueza das imagens, quanto pelas opções de escolha dos temas. Alegaram ter percebido através da experiência em sala de aula a vasta gama temática possível de ser realizada e a possibilidade de expressão que o filme oferece.

Um aspecto levantado por 94% (79 dos 84 alunos) foi a importância da confecção dos roteiros, não só para organizar as tarefas referentes a filmagem e edição, como também para que todos os membros do grupo mantivessem uma coerência e caminhassem na mesma direção na realização do filme.

Outro aspecto que foi bastante enfatizado como responsável pela melhoria dos filmes foi conhecer melhor as funções de cada tipo de enquadramento, ângulo e movimento de câmera.

A divisão de tarefas aconteceu de maneira mais sistematizada e o envolvimento com cada uma das etapas de forma mais abrangente. Sendo assim, todos os alunos (100%) atuaram nas filmagens com pelo menos um personagem, 61 (72%) passaram pela experiência de filmar os colegas (23 não operaram a câmera) e 74 alunos (88%) se envolveram na edição do filme (apenas 10 não se envolveram com a edição).

Alguns comentários corroboram as considerações apresentadas:

- Deu muito mais trabalho esse (filme) agora, mas ficou melhor. Concertamos erros cometidos anteriormente.
- Quando estava gravando as cenas separadas, não dava muito a ideia e, mesmo seguindo o roteiro, parecia que não ia dar certo, mas depois foi só editar como estava no roteiro e eu gostei muito porque ficou como a gente tinha pensado.
- A gente aprendeu bastante coisa e pudemos dizer melhor o que queríamos dizer.
- Acho que evoluímos.
- Nós nos organizamos bem e não teve improviso.
- Não tínhamos conseguido fazer o primeiro filme e resolvemos planejar esse filme com um roteiro bastante detalhado.
- Aprendemos praticamente tudo. Não fizemos o primeiro filme e aprendemos desde posição de câmera, roteiro, edição... tudo.
- Nos filmes tem um lado que é o conhecimento pra filmar e editar e tem um outro lado que podemos falar e mostrar sobre as coisas da gente.
- Todos nós revezamos nas funções e aprendemos muito. Quando todos do grupo estavam em cena, nós optamos por planos mais fechados e continuamos revezando para fazer a filmagem.
- Fazer o filme foi muito legal, mas o melhor de tudo é que agora é mais fácil entender os filmes que assisto.

Outros problemas que fogem às intenções do projeto interferiram nos resultados finais, foi o caso do grupo 2 que percorreu todo o processo durante nove semanas discutindo o tema, construindo o roteiro, produzindo os figurinos e realizando, parcialmente, as filmagens com a temática sobre a violência vivenciada nos grupos adolescentes e encoberta dentro dos próprios grupos.

A equipe teve o trabalho interrompido e sua conclusão impedida pela mãe de um de seus membros, que alegou não ser uma temática adequada e, arbitrariamente, apagou as cenas gravadas. Os alunos, apesar de indignados, optaram por mudar a proposta para não excluir o colega e não gerar problema entre ele e sua mãe. Apresentaram como opção a história de um jovem que era impedido de fazer suas escolhas, mas acabaram por realizar um filme com enredo, considerado pelo próprio grupo como mais simples, sobre o relacionamento de um casal baseado em uma crônica lida nas aulas de português.

O grupo teve apenas três semanas para realizar esta proposta e, sem tempo para percorrer adequadamente cada uma das etapas, em especial a decupagem, foi o único grupo a optar pela utilização de um plano único durante a filmagem. A dinâmica foi obtida por movimentos de câmera. No entanto, a despeito desse problema, declaram:

- tivemos as mesmas três semanas que no primeiro filme e ficou muito mais bem feito.
- minha mãe não entendeu que estávamos falando de um problema e deu uma "pirada".
- deu um desânimo, mas quando a gente (se) reuniu e começou a fazer o outro filme foi bem legal.

3.3- Análise comparativa dos dados

No roteiro percorrido nesta pesquisa podemos destacar dois momentos de clímax já descritos anteriormente e que resultaram nos "filmes iniciais" e "filmes finais".

Estes dois momentos trouxeram uma característica análoga entre si que é o fato de apresentarem resultados da produção fílmica realizada por alunos no contexto das aulas de arte. No entanto com um diferencial, o contato com uma série de conhecimentos, práticas, exemplos, informações, experimentações e debates referentes à linguagem do cinema e às tecnologias envolvidas na realização de filmes.

Os conhecimentos adquiridos ao longo do processo aliados à motivação, serviram de alicerce para a produção dos alunos, pois os grupos apresentaram-se mais empenhados e buscaram elaborar curta metragens com mais apuro nas questões técnicas e artísticas.



Figura 34- Aula prática sobre o uso dos recursos tecnológicos (filmadora)

A seguir, o quadro comparativo (tabela 5) apresenta, numa abordagem quantitativa, os resultados obtidos antes e depois da formação audiovisual trabalhada com os estudantes.

Categorias	Critérios de análise	Filme inicial	Filme final
Estabilidade	câmera na mão	10	3
	câmera fixa	6	15
Luminosidade	Escura	8	3
	Ok	7	15
	Excesso de luz	1	0
Cor	Cor	13	17
	BP	2	0
	Ambos	1	1
Posição	Ok	13	17
	90°	3	1
Sequência	Plano único	14	1
	Vários planos	2	17
Ângulos	Único	15	2
	Variação	1	16
Movimentos de câmera	Sim	1	16
	Não	15	2
Volume	Ok	7	14
	Baixo	6	2
	Sem áudio	3	2
Som ambiente	Ruído	8	2
	Som limpo	5	14
	Sem áudio	3	2
Sonoplastia	Sim	0	2
	Não	16	16
Trilha	Sim	6	15
	Não	10	3
Abertura	Sim	12	17
	Não	4	1
Ficha técnica	Sim	9	17
	Não	7	1
Plano bruto	Sim	13	0
	Não	2	17
Vários planos	Sim	2	16
	Não	14	1
Elipses temporais	Sim	2	14
	Não	14	3
Diálogos	Elaborado	1	14
	Improviso	8	2
	Sem diálogos	6	2
Figurino	Elaborado	6	18
	Casual	7	0
	Improviso	2	0
Cenário	Elaborado	8	12
	Casual	5	3
	Improviso	3	3

Tabela 5- Quadro comparativo (filme inicial X filme final)

Outros aspectos podem ser destacados:

(1.) Os alunos se preocuparam com a qualidade da imagem:

- Na estabilidade (imagem não tremida) houve crescimento de 6 para 15 grupos.
- Em relação à boa luminosidade das cenas o crescimento foi de 7 para 15 grupos.

(2.) No que diz respeito à dinâmica das imagens e da narração da história:

- 2 para 17, os grupos que apresentaram variações nos planos de enquadramento
- 1 para 16, os grupos que trouxeram variações nos ângulos de câmera
- 1 para 18, os que apresentaram movimentos de câmera.
- de 2 para 14 grupos que utilizaram elipses temporais

(3.) Em relação ao som, também houve uma melhoria na captura, bem como na utilização de trilha sonora como elemento que compõe a narrativa:

- de 7 para 14 grupos que captaram o som com bom volume
- de 5 para 14 grupos que captaram o som com pouco ruído (som ambiente)
- de 6 para 15 os grupos que utilizaram trilha sonora

(4.) Na fase de pré-produção:

- de 1 para 14, os grupos que produziram roteiros elaborados com diálogos
- de 6 para 18 (todos), os grupos que se empenharam na definição dos figurinos
- de 8 para 12, os grupos que se preocuparam na escolha de cenários

Resumindo, podemos constatar que houve uma melhoria com crescimento significativo nos valores das variáveis que revelam o domínio da linguagem (sequência, ângulos, movimento de câmera, plano bruto, vários planos, elipses temporais) e a qualidade da imagem e som (estabilidade, luminosidade, volume, som ambiente). O mesmo acontece nas categorias que remetem ao planejamento e a organização do roteiro (diálogos, figurinos e cenários), bem como as que dizem respeito à edição (trilha sonora, abertura, ficha técnica).

QUANDO A TRAMA SE REVELA

4- QUANDO A TRAMA SE REVELA

Esse estudo privilegiou a abordagem de uma experiência concreta fundamentada, advinda da prática docente. Teve a linguagem cinematográfica como objeto da pesquisa e o projeto intitulado "Curta o 9º ano" de produção de filmes por alunos como fonte de coleta de dados. Levando em conta que tanto a pesquisa quanto o projeto se desenvolveram dentro das aulas de arte, vale elucidar que o ensino de arte deve ser entendido

[...] como área do conhecimento humano, com uma linguagem própria, com objetivos claros, com domínio dos saberes pedagógicos e com domínio dos saberes disciplinares. Isso significa conteúdos que se sustentem, que tenham vida própria, contextualizados. Também significa entender a arte não mais como suporte/cabide para outras disciplinas e, muito menos, executada somente a partir do fazer artístico. Ela precisa existir articulando saberes que tenham significado para a vida do nosso aluno e isso precisa estar claro nos nossos planejamentos escolares. Somente a intenção não basta, a ação precisa ser visível e acontecer realmente como prática pedagógica. (OLIVEIRA e HERNÁNDEZ, 2005, p. 67)

Cabe, ainda, salientar que os acessos e os inúmeros contatos cotidianos com registros imagéticos têm se ampliado numa progressão permanente, o que dá a "visualidade" um "papel fundamental na compreensão da humanidade, na medida em que ela assegura um entendimento do mundo, do ser, das esferas do conhecimento e, também, do desconhecido" (OLIVEIRA, 2005, p.108). Isso acentua ainda mais a necessidade de integrar os estudos das visualidades aos projetos educacionais.

Com as informações levantadas em campo empírico, durante a observação das etapas de produção de filmes, os "relatórios iniciais" e "finais" dos alunos e os filmes em curta metragem produzidos pelos mesmos, foram feitas as análises qualitativas visando verificar se a proposta de produção de filmes em sala de aula pode se constituir como forma de construir um conhecimento artístico significativo.

Vale lembrar que a relação entre Cinema e Educação veiculada no "episódio" inicial intitulado "Quando o Cinema e Educação dividem a cena" (Capítulo 1) apresentava o Cinema como coadjuvante e a Educação como protagonista. Isso significa dizer que o cinema foi, por muito tempo, utilizado como mera ferramenta para apresentar assuntos estabelecidos pelo professor ou por órgãos governamentais para cumprir a aprendizagem de algum conteúdo.

Nesta relação entre o cinema e a educação, notadamente buscava-se preservar uma tradição em que o professor configurava-se como o centro do processo por deter o saber e que os alunos figuravam como depositários do conhecimento.

Esta dissertação, ora apresentada, traz à tona outra visão, que vem sendo discutida nos meios acadêmicos e que se concretiza pelo fato

[...] de que pesquisa da realidade, capacitação de quadros e aquisição de conhecimentos são dimensões inseparáveis e interligadas de um mesmo itinerário político-pedagógico. Pensamos que a finalidade de qualquer ação educativa deva ser a produção de novos conhecimentos que aumentem a consciência e a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos com quem trabalhamos. Por isso mesmo, o estudo da realidade vivida pelo grupo e de sua percepção desta mesma realidade constituem o ponto de partida e a matéria-prima do processo educativo. Como sempre nos lembra Paulo Freire, educação não é sinônimo de transferência de conhecimentos pela simples razão de que não existe um saber feito e acabado, suscetível de ser captado e compreendido pelo educador e, em seguida, depositado nos educandos. O saber não é uma simples cópia ou descrição de uma realidade estática. A realidade deve ser decifrada e reinventada a cada momento. (OLIVEIRA, 2006, p. 19)

Com bases nas fundamentações teóricas (capítulos 1 e 2) e nas análises dos dados do campo empírico (capítulo 3), já apresentados nessa dissertação é possível afirmar, em relação aos alunos participantes do processo didático de produção de filmes em sala de aula, que:

- (1.) Foi notável a melhoria do domínio dos recursos tecnológicos, tanto de filmagem, quanto de edição, após os estudos dos elementos da linguagem audiovisual;
- (2.) O uso dos recursos de maneira mais sistemática da linguagem cinematográfica permitiu que cada grupo de alunos produzisse uma narrativa mais dinâmica com a utilização de elipses temporais, cortes de planos, diferentes enquadramentos e movimentos de câmera, além da preocupação com iluminação, sonoplastia, entre outros;
- (3.) Houve um aprimoramento do exercício do olhar verificado nos resultados imagéticos e conceituais de melhor qualidade apresentados nos "filmes finais" produzidos pelos jovens;
- (4.) Consequentemente, apresentou melhoria da capacidade crítico-reflexiva percebida na escolha e desenvolvimento dos argumentos e das temáticas, na participação, fatura e análise dos filmes produzidos.

Dessa forma, é possível considerar que, ao percorrer o processo de produção de filme em sala de aula (seguindo o cronograma didático, aliado aos estudos dos elementos da

linguagem cinematográfica propostos), o grupo participante aprimorou a sua alfabetização audiovisual.

Assim sendo, criar filmes em sala de aula é uma das alternativas viáveis que permite reduzir a distância entre cultura e educação, mencionada por Almeida (2004), quando o autor aponta que a escola é um espaço que precisa proporcionar não apenas o "saber-usar", mas também o "saber-fazer". E ainda, como sugere Duarte (2002), a escola passa a oferecer os recursos adequados para o domínio da linguagem audiovisual ampliando a competência do olhar, do mesmo modo como está empenhada com relação ao ler e escrever.

Podemos, ainda, afirmar que, pelos dados analisados, a proposta contribuiu para que os alunos participantes conhecessem os pressupostos da produção cinematográfica, em especial os que concernem ao uso mais adequado dos códigos do cinema e o domínio das tecnologias envolvidas no processo.

Por meio desse trabalho também puderam exercitar o olhar, e apresentar questões, ora gerais ou por vezes específicas do repertório juvenil, a partir de uma ótica e uma lógica próprias.

Nas narrativas particulares em torno de cada curta metragem criado, os alunos e alunas, além de discutirem questões de seu cotidiano ou outras questões do universo adolescente, construíram um espaço onde foi possível dar vez, voz e visibilidade às suas ideias, experiências ou expectativas. Foi, ainda estabelecido um espaço onde os adolescentes puderam exercitar a proposição, argumentação e a deliberação na construção coletiva.

Sendo assim, é possível confirmar que a produção de filmes contribuiu na promoção da alfabetização audiovisual, o que gerou a ampliação do repertório cultural na medida em que tiveram:

- (1.) acesso a inúmeros filmes com temáticas, abordagens, concepções e faturas diversas;
- (2.) oportunidade de pesquisar, selecionar, discutir, analisar e posicionar-se diante de questões contemporâneas;
- (3.) criar uma forma de expressão própria
- (4.) estabelecer novos elos sociais e aprimorar valores.

Por acréscimo ao que se propunha esta pesquisa, foi ainda possível constatar que:

- A capacidade de perceber o fazer artístico e expressivo através do cinema e a operacionalização para a realização de curta metragens trouxeram uma experiência contemporânea nas aulas de arte ainda pouco explorada, e possibilitaram diminuir as distâncias do que acontece no âmbito escolar com o que se vive além dos muros da escola.

- O fazer expressivo fundamentado desvelou uma experiência capaz de exercitar a autonomia, o poder de argumentação, o senso crítico e o discernimento, não somente nos aspectos estéticos como em outros mais abrangentes como o domínio dos signos da linguagem cinematográfica.

- O momento de socialização entre os componentes dos grupos é outro aspecto a ser considerado já que foram, ao longo do processo, feitas concessões em prol de uma construção que se pode dizer coletiva. Possibilitou a troca de experiências e de conhecimentos, onde cada aluno contribuiu com sua própria visão, reflexão e ação para que o grupo obtivesse bom resultado.

Mesmo que a proposta ainda tenha muitos aspectos que precisam ser revistos e aprofundados, sobretudo no que concerne à fundamentação teórica do trabalho (considerando o número reduzido de publicações na área), vale ressaltar este projeto permitiu que os adolescentes se aproximassem de seu contexto cultural, construindo seu próprio conhecimento e diminuindo a distância entre escola e sociedade.

Em síntese, com esta pesquisa pode-se levantar algumas conclusões, mesmo que não sejam definitivas, sobre os benefícios da produção de filmes realizada por alunos em sala de aula:

- 1- Favorecimento da construção ou fortalecimento de um espaço para discussão ou reflexão sobre as questões dos adolescentes;
- 2- Valorização do conhecimento historicamente constituído sobre a linguagem cinematográfica;
- 3- Valorização do conhecimento construído através da prática e por intermédio das percepções e intuições expressivas;
- 4- Interação com atividades coletivas propiciando o exercício da crítica, uma vez que vários pontos de vistas são expostos, debatidos e definidos pelos grupos.
- 5- Socialização propiciada pela realização de atividades coletivas
- 6- Compreensão aos apelos contemporâneos da visualidade, em especial, no que tange às imagens em movimento

Para que essa proposta pedagógica alcance resultados positivos, em contextos escolares, com base numa dimensão educacional reflexiva e do ensino de arte significativo, torna-se imprescindível que o professor/mediador:

- 1- Tenha uma formação que permita:
 - a- conhecer os elementos da linguagem cinematográfica, seu uso e seu papel na comunicação,
 - b- conhecer as tecnologias e demais recursos envolvidos na captura, edição e exibição de imagens e sons, bem como sua utilização. Neste caso, é aconselhável a utilização do *Windows Movie Maker* (para edição), *Windows Media Player* (para exibição) e equipamentos que capturem as imagens em arquivos compatíveis (.WMV ou .AVI) com os referidos programas.
- 2- Tenha acesso a equipamentos para o registro das imagens e sons (câmera filmadora, câmera fotográfica ou celular), bem como a equipamentos para a edição de áudio e vídeo (computador). É necessário, ainda, a disponibilidade de equipamentos de projeção de áudio e vídeo para que o processo de produção possa se completar com a exibição dos filmes.
- 3- Tenha à disposição um espaço físico que permita acontecer as aulas teóricas e práticas (sala ambiente), as exibições de filmes (sala de projeção, que pode acontecer na própria sala de aula) e um espaço onde tenha à disposição os equipamentos (computador) para a edição.

Dessa forma, essa dissertação veio apontar algumas referências teóricas, ideias e estratégias didáticas que podem contribuir para a ampliação do ensino da linguagem do cinema na escola, no intuito de ser mais uma contribuição num campo ainda pouco tratado pelas pesquisas acadêmicas e, em menor escala, nos contextos escolares. O que nos leva a sugerir que se incremente as investigações em torno do assunto, como objeto de pesquisa relevante ao ensino de arte e à educação atual como um todo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e sons: A nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 2004.
- ANG, Tom. *Vídeo digital: Uma introdução*. São Paulo: SENAC, 2007.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação*. Porto, PO: Editora Porto, 1994.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- CATELLI, Rosana Elisa. *O Instituto Nacional de Cinema Educativo: O cinema como meio de comunicação e educação*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.
- COSTA, Antônio. *Compreender o cinema*. São Paulo: Globo, 1989.
- CHRISTOFELETTI, Rogério. *Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação*. Educação, Santa Maria, v.34, n. 3, p. 603-616, set./dez. 2009.
- DUARTE, Rosália. *Cinema & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez: Editores Associados, 1989.
- FIHMAN, Guy. *As origens do cinema*. In: BERTELLO, P.; CAMPAGNONI, D.P. (org.) A magia da imagem: A arqueologia do cinema através das coleções do Museu Nacional do Cinema de Turim. Lisboa, Portugal: Centro Cultural de Belém, 1996.
- FOIRET, Jacques. *Os irmãos Lumière e o cinema*. São Paulo: Augustus, 1995.
- FRANCO, Marília. *Prazer audiovisual*. **Comunicação & Educação**, v. 1, n. 2, 1995, p. 49-52.
- MANNONI, Laurent. *A grande arte da luz e da sombra: Arqueologia do cinema*. São Paulo: SENAC:UNESP, 2003.
- MOLETTA, Alex. *Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo*. São Paulo: Summus, 2009.
- MORÁN, José Manuel. *O vídeo na sala de aula*. **Comunicação & Educação**, v. 1, n. 2, 1995, p. 27-35.
- MORETTIN, Eduardo Victório. *Cinema educativo: uma abordagem histórica*. **Comunicação & Educação**, v. 2, n. 4, 1995, p. 13-19.
- OLIVEIRA, Ana Cláudia Mei Alves de. *Visualidade, entre significação sensível e inteligível*. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 107-122, jul/dez 2005.

OLIVEIRA, Marília Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando. *A formação do professor e o ensino das artes visuais*. Santa Maria: Editora UFSM, 2005.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. *Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la*. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PFROMM NETTO, Samuel. *Telas que ensinam: mídia e aprendizagem do cinema ao computador*. Campinas, SP: Alínea, 2001.

RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe. *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: SENAC, 2000.

RITTAUD-HUTINET, Jacques. *Os irmãos Lumière: A invenção do cinema*. São Paulo: Scritta, 1995.

RODRIGUES, Chris. *O cinema e a produção*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise filmica*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Figura 1: *La sortie des ouvriers de l'usine Lumière* (1895) dos Irmãos Lumière. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/rua/site/?p=1799>> Acesso em: 16 jan. 2011.

Figura 2: *L'arrivée d'un train em gare de La Ciotat* (1895) dos Irmãos Lumière. Disponível em: <<http://thecollectordamong.blogspot.com/2009/07/on-film-conservatism.html>> Acesso em: 16 jan 2011-02-09

Figura 3: *The horse in motion* (1878), de Muybridge. Disponível em: <<http://digitaljournalist.org/issue0309/lm20.html>> Acesso em: 16 jan. 2011.

Figura 4: fuzil fotográfico (1882). Disponível em: <http://moonsunglee.cafe24.com/bbs/data/forum/Fusil_de_Marey_p1040353.jpg> Acesso em: 16 jan. 2011.

Figura 5: *Pelicanos em vôo* (1882), de Marey. Disponível em: <<http://digartmedia.files.wordpress.com/2010/06/marey-bird-flight1.jpg>> Acesso em: 16 jan. 2011.

Figura 6: *Je vous aime* (1892), de Demeny. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_ih16YeSiQ-0/Swu3kX5juKI/AAAAAAAAA9U/wOOTILcs8Ag/s320/je-vous-aime-550.jpg> Acesso em: 16 jan. 2011.

Figura 7: Cinetoscópio. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/_7gx-ZrDvgBQ/S8HvCQPsfDI/AAAAAAAAAKc/vtXDZKQThQs/s1600/cinetosc%C3%B3pio.jpg> Acesso em: 16 jan 2011.

Figura 8: Salão de exibição de cinetoscópios em São Francisco (1899). Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_jTWZQROvUJo/SqLI4ZHYYRI/AAAAAAAAADM/xzKXwFi15fQ/s320/kinparlor2.jpg> Acesso em: 16 jan 2011-02-09

Figura 9: Cinetoscópio. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/arteprojectada2/Kinetoscope.jpg>> Acesso em: 16 jan 2011.

Figura 10: Cinematógrafo. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/imagens/linha-do-tempo/linha-do-tempo-cinema/1895-cinematografo/image_preview> Acesso em: 16 jan 2011.

Figura 11: Ilustração sobre a utilização do cinematógrafo. Disponível em: <<http://www.victorian-cinema.net/cinematographe2.jpg>> Acesso em: 16 jan 2011.

Figura 12: Filme de Roquette Pinto. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=h4cXlxa-x34>> Acesso em: 16 jan 2011.

Figura 13: Filme A velha a fiar Humberto Mauro. Disponível em: <<http://paxprofundis.org/livros/prostitutas/velha.jpg>> Acesso em: 16 jan 2011.

Figuras 14 a 34: Acervo particular

GLOSSÁRIO DE TERMOS DO CINEMA

Adaptação	Processo de transposição de um texto literário ou outras formas narrativas para roteiro e depois para filme: transposição das personagens, dos lugares, das estruturas temporais, da época onde se situa a ação, da sequência de acontecimentos contados etc.
Ângulos	Enquadramento da imagem com a câmera focalizando a pessoa ou objeto em uma altura predeterminada.
Argumento	Percurso da ação que apresenta o resumo contendo as principais indicações da história. Também chamado de sinopse.
Câmera subjetiva	Câmera posicionada para simular o olhar do ator. A câmera é tratada como "participante da ação", ou seja, a pessoa que está sendo filmada olha diretamente para a lente e a câmera representa o ponto de vista de outra personagem participando da mesma cena.
Cena	Sequência dramática do roteiro com unidade de tempo e lugar.
Cenário	Lugar onde ocorre algum fato ou onde decorre a ação dramática.
Cinema	Imagens estáticas projetadas em uma tela a uma determinada velocidade, criando a impressão do movimento. O processo de produção cinematográfico também é definido como cinema.
Claquete	Quadro usado para marcar cenas e tomadas e cujo som, na montagem, serve como ponto para sincronização de som e imagem.
Clímax	Ponto culminante da ação dramática.
Clipe	Pequeno trecho utilizado para ilustrar ou apresentar o próprio filme.
Close	Plano que enfatiza um detalhe. Também chamado de primeiro plano. Tomando a figura humana como base, este plano enquadra apenas os ombros e a cabeça de um ator, tornando bastante nítidas as expressões faciais.
Contra-plongée	Câmera posicionada em ângulo de baixo para cima.
Corte	Passagem direta de uma cena para outra dentro do filme.
Curta metragem	Não se tem um padrão único para definir curta metragem. A ANCINE (Agência Nacional de Cinema) define como sendo o filme com tempo máximo de 15 minutos, já a maioria das agências internacionais estabelece como duração máxima de 30 minutos.

Decupagem	Planificação do roteiro definida pelo diretor, incluindo todas as cenas, posições de câmera, movimentação dos atores, diálogos e duração de cada cena.
Edição	É o procedimento estético e técnico que organiza os elementos filmicos, visuais e sonoros, determinando sua duração e sua ordem.
Elipse	Passagem rápida de tempo, ou seja, cada vez que uma narrativa omite certos acontecimentos pertencentes a uma história contada, exigindo que o espectador preencha mentalmente o intervalo entre os dois e restitua os elos entre eles.
Enquadramento	Conjunto do processo mental e material, pelo qual se chega a uma imagem que contém um certo campo visto de um certo ângulo. Estabelece os limites laterais, superior e inferior da cena filmada.
Fade in	A passagem de um quadro, geralmente escuro, para a imagem da cena que gradualmente atinge sua intensidade normal de luz.
Ficha técnica	Relação das pessoas físicas e jurídicas que participaram ou contribuíram para a realização de um produto audiovisual. Geralmente é mostrada no final da produção.
Figurino	Conjunto de trajes que caracteriza cada personagem.
Montagem	Trata-se de colar os fragmentos de um filme um após o outro, em uma ordem determinada de antemão.
Panorâmica	Movimento de câmera sobre seu próprio eixo, no sentido horizontal.
Personagem	É o ente criado pelo ator para viver a ação dramática.
Plano	Qualquer porção do filme compreendido entre duas mudanças de enquadramento. Pode também ser usado com o mesmo significado de enquadramento.
Plano americano	Plano que enquadra a figura humana da altura dos joelhos para cima.
Plano de detalhe	Tipo de enquadramento que mostra apenas um detalhe. Exemplo: os olhos do personagem.
Plano geral	Enquadramento que mostra uma área de ação relativamente ampla.
Plano inteiro	Plano que enquadra a figura humana dos pés até a cabeça.
Plano médio	Plano que mostra a pessoa humana da cintura para cima.
Plano-sequência	É o plano único rodado que contém toda a sequência.

Plongée	Câmera posicionada em ângulo de baixo para cima.
Plot principal	É o núcleo central da ação dramática, o motivo gerador ou elemento causador do desenvolvimento do enredo.
Pré-produção	Período de preparação e organização que precede a filmagem para que a filmagem aconteça com uma margem mínima de imprevistos.
Pós-produção	É o período posterior à filmagem quando é realizada a edição das imagens e sons.
Primeiríssimo plano	O personagem é enquadrado do ombro para cima, mostrando o rosto por completo.
Primeiro plano	O personagem é enquadrado do busto para cima.
Produção	É o período que envolve a filmagem propriamente dita englobando a captação das imagens e do som descritas no roteiro. Pode ser entendido, numa visão mais abrangente, como todo o processo, desde as definições preliminares até a conclusão do filme.
Roteiro	Forma escrita de qualquer espetáculo audiovisual. É a descrição objetiva das cenas, sequências, diálogos e indicações do autor.
Roteiro decupado	É o mesmo que roteiro técnico.
Roteiro técnico	Roteiro contendo as indicações referentes a câmera (ângulo, movimento, enquadramento), iluminação, som, deslocamento dos atores, posição da câmera e outras informações técnicas.
Sequência	É o conjunto de cenas que compõe uma unidade do filme com início, meio e fim. Equivale a um capítulo, quando comparamos o filme com um livro.
Sonoplastia	É a organização do som, a união da música com o efeito sonoro. Enquanto a música, na trilha sonora, estabelece a relação emocional com o espectador, o efeito sonoro proporciona a noção da realidade.
Stop-motion	Técnica de animação que utiliza uma sequência de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular o movimento. O objeto é registrado fotograma por fotograma com uma pequena mudança de posição entre cada um.
Tilt	Movimento de câmera sobre seu próprio eixo no sentido vertical.
Tomadas	É cada uma das repetições de cada plano realizadas durante a filmagem.
Transição	Efeito existente entre uma cena e outra, geralmente, inserido na edição.

Travelling	Movimento de câmera com deslocamento sobre uma plataforma, quando o equipamento, geralmente, acompanha o deslocamento dos atores.
Trilha sonora	Conjunto de músicas e sons para estabelecer as relações emocionais.
Zoom	Efeito ótico de aproximação ou afastamento da imagem.
Zoom in	Efeito ótico causado pelo aumento da distância focal da lente da câmera durante uma tomada, o que dá ao espectador a impressão de aproximação do elemento que está sendo filmado.
Zoom out	Efeito ótico causado pela diminuição da distância focal da lente da câmera durante uma tomada, o que dá ao espectador a impressão de afastamento do elemento que está sendo filmado.

Anexo I - Relatório de produção do filme inicial

Aluno(a): _____ Nº _____ Turma _____

QUESTIONÁRIO

1- Quantos membros fizeram parte de seu grupo de trabalho?

2- Qual o título do filme produzido pelo grupo?

3- Qual o tema de seu vídeo?

4- Por que foi escolhido este tema?

5- Como aconteceu a escolha da história (enredo)?

6- Com que equipamento foi feita a filmagem?

7- Como foi feita a filmagem?

8- Como foi a participação dos membros do grupo na filmagem?

9- Quais as dificuldades que surgiram na filmagem?

10- Como foi feita a edição do filme?

11- Como foi a participação de cada membro do grupo na etapa de edição?

12- Quais as dificuldades que surgiram na edição?

13- Como você analisa o resultado final do filme que você contribuiu na produção?
Por que?

14- Faça um comentário geral sobre a produção da turma.

15- Se desejar fazer algum outro comentário utilize o campo abaixo.

Anexo II - Relatório de produção do filme final

Aluno(a): _____ Nº: _____ Turma: _____

QUESTIONÁRIO

1- Quantos membros fizeram parte do seu grupo? _____

2- Qual o título do seu filme? _____

3- O que o grupo quis discutir com este filme? _____

4- Como o grupo definiu a história? _____

5- O roteiro foi feito detalhado com as sugestões de planos, ângulos e movimentos de câmera para a filmagem?

6- Com que equipamento o grupo fez a filmagem? _____

7- Como foi feita a filmagem? _____

8- Quais as dificuldades que surgiram durante a filmagem? _____

9- Como foi feita a edição do filme? Você aprendeu a editar? _____

10- Quais as dificuldades que surgiram durante a edição? _____

11- Como você avalia e analisa o filme realizado por seu grupo (defeitos e qualidades)? _____

12- Faça uma comparação entre o filme realizado no início e o filme realizado agora? _____

13- Em que os conhecimentos adquiridos nas aulas de cinema contribuíram para a realização deste filme?

Anexo III - Cronograma de produção do filme final

Produção de filme - Projeto: "Curta o 9º ano"

Disciplina: Arte
Professor: Nelson Faria

PROPOSTA:

Produção de um filme em curta metragem (entre 2 e 15 minutos), realizado em grupo, a partir do seguinte cronograma de trabalho.

CRONOGRAMA DE TRABALHO

Período	Atividades	Data limite
16 a 22 /09	- Definição dos grupos - Escolha da temática do filme	23/09
23 a 29/09	- Criação do argumento	30/09
30/09 a 20/10	- Confecção do roteiro	21/10
21/10 a 03/11	- Decupagem do roteiro	04/11
04/11 a 17/11	- Produção e Filmagem	18/11
18/11 a 01/12	- Edição de áudio e vídeo	02/12
02/12	- Entrega dos filmes - Entrega dos Relatórios de produção - Exibição dos filmes	
09/12	- Exibição dos filmes	

PRAZOS

Prazo de entrega	Material
21/10	Roteiro
04/11	Roteiro técnico (decupagem)
02/12	Filme
02/12	Relatório de produção